JORNAL DA TARDE

EDIÇÃO DE ESPORTES

SUPLEMENTO DO JORNAL DA TARDE/ SÃO PAULO 6 DE MARÇO DE 1978/ NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Esta taça é tua, São Paulo!

BOLA DE PAPEL

ALBERTO HELENA JR.

Lógica e sorte de campeão

Belo Horizonte amanheceu, ontem, em festa. A festa do título conquistado na véspera. Enquando as rádios tocavam marchinhas e sambas de carnaval, pelas ruas da cidade espraiava-se a alegria de uma torcida que sequer poderia cogitar sobre uma derrota.

Belo Horizonte anoiteceu sombria e triste: sonho desperto, o atleticano descobriu, de repente, que o campeão brasileiro de 77 não era o seu galo, mas o São Paulo de Rubens Minelli, o São Paulo de Chicão, o São Paulo de Bezerra.

Por certo, em várias partes deste país do futebol muitas vozes se levantarão contra a injustiça de uma decisão por pênaltis. Outras bradarão contra o destino, que acabou tirando o título do Atlético, o melhor time do Brasil, o time que realizou a melhor campanha, o derrotado final.

Por fim, serão ouvidos os lamentos dos que supõem que tenha sido o futebol arte sepultado ontem, em pleno Mineirão.

Mas estas vozes se levantarão somente porque o futebol brasileiro, nestes tempos de competição, procurou isolar-se da realidade, mergulhando numa estéril nostalgia dos tempos em que os craques de papel desenhavam seus complicados arabescos nos gramados.

Poucos foram os que visualizaram na campanha inigualável do Internacional de Porto Alegre nas temporadas de 75 e 76 o aceno para o futuro, onde só o talento aliado à força sobreviveria.

Poucos foram os que reconheceram os méritos de um técnico de futebol que já se antecipara aos tempos que se avizinhavam: Rubens Francisco Minelli.

Até mesmo às vésperas da decisão, seus críticos, cegos e surdos às maiores evidências, não o poupavam. Ora porque Minelli não revelava ter planos de aproveitamento para Pedro Rocha, ora porque insistia em jogo tão importante com um jogador tão sem expressão como Viana.

Pois foi exatamente esse Viana que, enquanto teve músculos e fôlego, corporizou em campo as teses de Minelli, que basicamente podem ser reduzidas assim: se é no meio-campo que se decide um jogo, por ali os jogadores terão de incorporar ao seu talento o desempenho e a capacidade de combater sem tréguas o inimigo.

Então, o São Paulo entrou em campo programado para executar em primeiro lugar uma missão: fracionar o toque de bola fluente e veloz do Atlético; recuperar a posse da bola e partir imediatamente para o ataque.

E, durante todos os primeiros 45 minutos de jogo, quem esperava um São Paulo acuado em seu campo, submisso e apavorado diante da artilharia mais contundente deste campeonato, surpreendeu-se ao ver o São Paulo equilibrando-se no ponto certo entre a defesa e o ataque, embora se ressentindo da ausência de Serginho, seu artilheiro.

Pois, se a vitória só chegou no jogo da sorte, das penalidades, não menos verdade é que o São Paulo esteve mais perto do gol nesse período do que o Atlético.

É bem verdade que, no segundo tempo, logo após um gol feito de Chicão, salvo por acaso pelo zagueiro Márcio, em cima da risca, o Atlético passou a movimentar-se com sua proverbial rapidez do meio de campo para a frente, criando situações críticas para o São Paulo.

Mas novamente aí deu-se o toque da competência: Minelli revigorou o seu meio-campo, colocando Perez em cima de Paulo Isidoro, equilibrou o jogo e, no final, o São Paulo voltou a ter uma postura digna em campo.

No entanto, ao longo de toda a partida uma figura manteve-se ereta, acima de todos os demais: Chicão, um animal com dotes de artista a espalhar pelo campo a alma e o talento de um verdadeiro comandante.

Chicão, pois, que já vinha numa ascensão técnica incrível desde o final do campeonato paulista do ano passado, ontem, então, atingiu a perfeição. Sua atuação foi irretocável, uma obra prima acabada, onde a força, a paciência, a técnica refinada e o poder de decisão combinaram-se como por um encanto na medida exata do craque completo.

Mais atrás de Chicão, Bezerra, o jogador que, ao ser deslocado para a posição de líbero, depois dos beques, serviu de amálgama para transformar a defesa tão vulnerável do São Paulo de antes em sólida muralha de hoje.

Na frente, porém, apenas a velocidade e os dribles desconcertantes de Zé Sérgio, que tanto na direita quanto na esquerda consegue manter espantosa regularidade.

Foi assim, pois, que o Brasil ganhou ontem outro campeão forjado pelas mãos hábeis e pela mente aguçada de Rubens Minelli. Um campeão que entra em campo programado pela lógica para ganhar mas, se não puder fazê-lo, ao menos sairá de campo convicto do dever cumprido.

Mesmo porque futebol é antes de mais nada competição. E numa competição mais que o elogio fácil e a habilidade sem força, continua prevalecendo, isso sim, a inteligência aliada à dedicação, síntese de todo o pensamento de Minelli, o precursor de um novo futebol.

Brandão se despede. E Zé Duarte pode vir.

O técnico da Ponte, depois da primeira decepção com Mateus, ficou de dar uma resposta definitiva ainda hoje.

No sábado, Osvaldo Brandão chegou ao Parque São Jorge pouco antes das 9 horas, reuniu os jogadores no vestiário e se despediu. Seu aspecto era o de um homem muito cansado e suas palavras foram rápidas e objetivas:

— Vou descansar por quatro meses e depois verei o que fazer. Só espero que vocês continuem se esforçando ao máximo e muito obrigado pelo título de campeão paulista.

E, enquanto os jogadores, surpresos, tentavam adivinhar quem seria o novo técnico, Brandão pegou duas bolas e um poster de um menino com a camisa do Corintians e pediu a todos que os assinassem. Nessa hora, um dos mais emocionados era o goleiro Jairo:

— Nós ouvimos dizer e lemos nos jornais que o **Mestre** pretendia ir embora, mas só acreditamos agora, quando ele mesmo nos confirmou. Vamos sentir a ausência dele, porque Brandão é um grande amigo de todos e, como um pai, sempre fez prevalecer a disciplina e nos orientou É um homem cheio de virtudes.

Instantes depois, "seu" Júlio, o zelador do gramado do Parque São Jorge, mostrava, nas mãos trêmulas e na voz, a emoção que todos sentiam no clube pela saída do técnico.

— Nunca mais vamos ter um técnico como o Brandão. Tenho vinte anos de clube e nunca recebi tanto apoio e carinho como dele.

Também vários torcedores, reunidos do lado de fora do vestiário, lamentavam a saída de Brandão. Falavam na confiança que o velho técnico inspirava e comentava a possível contratação de Zé Duarte:

— Estamos magoados — dizia Marcelo Bossa, dos **Gaviões da Fiel** pois vai ser difícil encontrar um técnico como o Brandão. O Zé Duarte pode ser bom na Ponte, mas aqui as coisas são diferentes. Será que vamos ficar outros 23 anos na fila?

À tarde, ainda no sábado, Zé Duarte ficaria decepcionado com a oferta do Corintians. Depois de uma reunião com Vicente Mateus, na casa do presidente corintiano, ele dizia:

— Eles me ofereceram 200 mil cruzeiros de luvas e 50 mil por mês, por um contrato de um ano, mas essa proposta não vai me tirar de Campinas.

Zé Duarte parecia até arrependido de ter vindo de Campinas a São Paulo para essa conversa. Muito sério, ele comentava:

— O Mateus estava de mau humor e parecia pouco interessado em discutir. Por isso, nem falei a ele da minha equipe, de meus planos.

O técnico da Ponte fez uma contraproposta: iria pedir 300 mil cruzeiros de luvas, 80 mil mensais, um apartamento mobiliado para morar e prêmios em dobro. Mas Vicente Mateus não quis nem discuti-la.

Ontem, porém, o diretor de futebol do Corintians, Leonel Marconi, foi a Campinas e teve uma nova conversa com Zé Duarte, na qual "esclareceu um mal-entendido que houve entre o Zé e o Mateus" na reunião de sábado.

— É que o Mateus queria que o Zé pedisse a liberação para a diretoria da Ponte e depois viesse acertar sua contratação. Mas o Zé me disse que, assim, se não acertasse conosco, ficaria desempregado. Amanhã (hoje), ele me telefona e deve acertar tudo para ficar com o lugar de Brandão.

E Brandão explicava as razões pelas quais preferia deixar o Corintians, falando, também, do auxílio que recebeu de várias pessoas e dos problemas que encontrou nos onze meses em que dirigiu a equipe:

— Desde 1975 que eu não descanso. Saí do Palmeiras e fui para a Seleção e depois o Mateus me convidou. Eu sabia que a **parada** era dura, mas sabia também que com humildade conseguiria vencer, porque o clube e sua torcida são humildes. E recebi toda a ajuda de que precisava, dos jogadores, da torcida e da diretoria. Pedi reforços, veio o Amaral e tentaram comprar o Caçapava e o Falcão. Consegui mentalizar os jogadores de que nosso objetivo era o título paulista e consegui.

Mas os problemas que Brandão encontrou foram muitos também:

— Num jogo que perdemos para o Guarani, no Campeonato Paulista, muita gente desanimou e entre essa gente havia vários jogadores. Disse a eles que ou reagiam ou então podiam passar no caixa, receber os salários e irem embora. Então, ganhamos o título no campeonato mais gigantesco de que participei e, por isso, quero agradecer a todos.

Depois, veio o Campeonato Brasileiro e Brandão explica assim a campanha cheia de altos e baixos, que terminou com a desclassificação do time:

— Na primeira fase, fomos mal porque ainda não tínhamos descansado das festas e do desgaste do Campeonato Paulista, mas depois, na segunda fase, que terminamos invictos sem tomar gol, nos recuperamos.

Na terceira fase, o time começou a sofrer as conseqüências da renovação de contratos. Não houve má vontade, todos perdiam de dois a três quilos por jogo, mas saíram do normal, por causa dos contratos, vencidos ou a vencer. E foi assim que fracassamos.

Osvaldo Brandão explicou que o problema das renovações não antecipou sua saída do clube e que ele já havia conversado com Mateus sobre isso, antes de o time estar desclassificado.

— E também não tentei dar o golpe por causa de dinheiro. Poderia pedir dois milhões de luvas para renovar e o Mateus diria que não podia pagar tanto e me daria um até logo.

Enquanto o técnico Osvaldo Brandão dava suas explicações, notava-se uma grande preocupação nos rostos de seus auxiliares. Dos três apenas o professor Teixeira não fora convidado pelo técnico.

— Eu já avisei o Benê e o João Avelino que não pensem que amanhã eu vou levá-los para outro clube, porque eu vou ficar mesmo de folga por um bom tempo e não quero que dependam de mim. E eles, ou quem quiser, podem me cobrar se eu sentar num banco antes de agosto.

Brandão evitou falar de sua vontade de vir a ser o gerente de futebol do clube (João Avelino seria o técnico), mas admitiu que esse é um velho sonho, no Corintians ou em outro clube. Depois, desmentiu que tivesse indicado o novo técnico:

— O Mateus, o Isidoro e o Leonel Marconi pediram meu parecer sobre uma lista de técnicos (Renganeschi, Evaristo, Belangero, Castilho, Diede Lameiro...) e eu dei. Falei do trabalho de todos, mas não indiquei ninguém. O Roberto Belangero foi pedido por mim antes, mas ele pediu muito alto e então eu trouxe o João Avelino para ser meu auxiliar. E digo que o novo técnico vai encontrar um bom ambiente de trabalho.

E Brandão dizia que só ia levar boas recordações do Corintians —"O meu time de coração, corpo e alma" — confessava, elogiando a atitude de Vicente Matheus, por ter contratado Rui Rei.

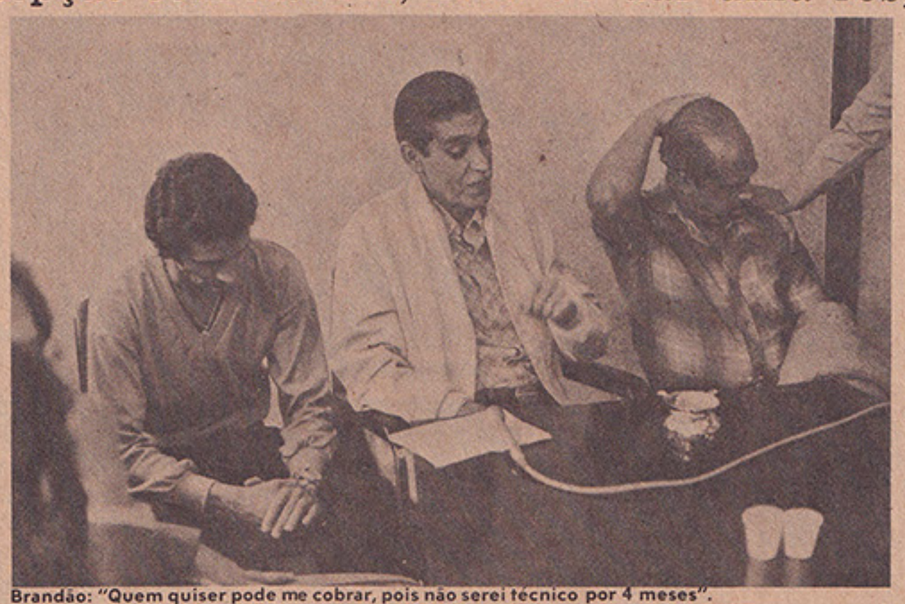
— Foi uma atitude muito humana de Mateus, esse moço vai dar muita alegria a nós, torcedores do Corintians.

Era quase meio-dia de sábado, quando Osvaldo Brandão levantou-se da cadeira na sala de reuniões do Departamento de Futebol Integrado, e se preparou para ir embora, avisando que ia passar um longo tempo visitando amigos e hospitais e talvez fosse a Brasília tentar ajudar a regulamentar a profissão de técnico de futebol (ele é diretor da Associação dos Treinadores Profissionais).

Na sala dos troféus, do Parque São Jorge, um bom número deles testemunha os feitos de Brandão no Corintians. Com ele, o Corintians foi campeão paulista de 1954 e 1977, campeão do Rio-São Paulo, da Taça Cidade São Paulo, Copa Turim, bicampeão do Torneio Início e conquistou duas taças dos Invictos, uma com 26 jogos e outra com 36. Osvaldo Brandão, gaúcho de Taquara, 61 anos, olhou do meio da rua para o Parque São Jorge, onde chegou a 28 de março do ano passado, e se despediu dizendo:

— Vou continuar olhando para este lugar, sempre. Tem que haver união entre os jogadores, tem que...

Francisco Dominguez



Brandão: "Quem quiser pode me cobrar, pois não serei técnico por 4 meses".

À tarde, na casa de Mateus, Zé Duarte se decepcionou.

Zé Duarte: "pelo que ofereceram, eu não saio da Ponte, onde estou bem".

De manhã, no clube, Brandão se despediu.

GENTE

Castilho, o técnico e o pai do Operário.

Castilho tem 50 anos, 30 de futebol.

Como técnico, métodos comuns.

Em 1958, na Seleção Brasileira.

— Estamos trabalhando para manter o elenco atual e até melhorá-lo. É difícil para um time de porte médio como o nosso, mas vamos conseguir.

Esta é a promessa do diretor de futebol do Operário de Campo Grande, Irineu Farina, traçando um perfil do que poderá ser o futuro do clube terceiro colocado no Campeonato Brasileiro de 77 e que, até então, não passava de um "fantasma" para os grandes do futebol brasileiro. O Operário é hoje um clube respeitado e de forma alguma pode deixar que sua posição seja desgastada com uma política errada. Pelo menos é o que pensam os membros da diretoria, ao iniciar um novo trabalho com vistas ao próximo Brasileiro.

A primeira providência foi renovar o contrato do técnico Carlos Castilho, responsável pelo padrão de futebol que o Operário apresenta, equivalente ao dos grandes clubes do país. Está sendo adquirido em definitivo o passe do apoiador Marinho junto ao Colorado do Paraná. Seu passe custa Cr$ 1,2 milhão e será pago á vista. O goleiro Manga já pensa em encerrar sua carreira em Campo Grande e, para isso, está negociando a renovação do contrato que termina dia 27 deste mês. Serão renovados também os contratos de Tadeu, Edson e Peri, peças importantes no esquema de Castilho. Isso tudo dá certa tranqüilidade á torcida que vê a boa intenção da diretoria em manter o time e arrumar a casa definitivamente, marcando o início de uma nova fase de ouro na história do clube.

— O mais importante nessa campanha que o Operário fez no Campeonato Brasileiro foi a plena confiança dos atletas em nosso trabalho. O empenho nos treinos e nos jogos e a aplicação tática demonstrada em todas as partidas foi algo notável. Por isso o mérito maior é dos jogadores.

Ao fazer esse comentário o técnico Carlos Castilho, 50 anos de idade, 30 dos quais dedicados ao futebol, mostra a responsabilidade que dá aos atletas, sobre os quais tem absoluto controle. Não toma para si os louros da vitória e nem a responsabilidade nas derrotas para não demonstrar uma falsa modéstia. Divide com os jogadores do Operário todos os defeitos e virtudes para que o clube faça excelentes campanhas, como essa no Campeonato Brasileiro que terminou ontem.

— O técnico apenas ajuda a ganhar um jogo — disse Castilho — mas a responsabilidade maior fica com os jogadores.

Quando Castilho chegou a Campo Grande, em pleno andamento do Campeonato Regional de 77, pegou o time — que era comandado por Danilo Alvin — sem ritmo e num marasmo que dava pena. Nessa época ainda não estavam Manga, Silveira, Biluca, Roberto César e Marinho mas o time vinha jogando com certa facilidade devido á fragilidade dos adversários no Campeonato Estadua!. Entretanto, Castilho sabia que aquele não era o time ideal para o Brasileiro e muita coisa ainda precisava ser feita para que o Operário não passasse por vexames que teriam conseqüências desastrosas. O que fazer? Contratar e trabalhar com vontade.

Aos poucos, Castilho foi dando consistência ao Operário oferecendo uma réstia de esperança de que a participação num campeonato difícil como o nacional não seria desastrosa. E não foi. Para isso o técnico teve que usar métodos comuns, nada sofisticados.

— Dei aos jogadores a responsabilidade e cobrei deles um trabalho perfeito. Passamos a trabalhar em período integral onde o preparo físico era importantíssimo porque a filosofia que estávamos implantando necessitava de uma base sólida. A partir daí, e já com os jogadores necessários para cada posição, passamos a exigir deles a disciplina tática e empregamos a marcação sob pressão, cobrindo todos os espaços, não dando chances para o adversário sair jogando. Tempos depois, conseguimos provar na prática a nossa teoria e o Operário é um time competitivo à toda prova empregando com perfeição a marcação sob pressão.

Para conseguir sucesso através da união de todos esses fatores positivos, Castilho conquistou a amizade dos jogadores, especialmente daqueles com os quais ainda não havia trabalhado. Para ele, técnico tem que ser de tudo um pouco.

— Um bom técnico tem que saber castigar seus comandados na hora certa, como um pai, porque só assim perdoa sem constrangimento. Tem que ser político para contornar os problemas e chegar a um consenso perfeito envolvendo jogadores e clube.

Castilho conseguiu, com isso, a harmonia no elenco e deu aos jogadores a tranqüilidade para que o time chegasse ao terceiro lugar na Copa Brasil 77, jogando um futebol de primeira linha e altamente competitivo, como convém a um finalista do Campeonato Nacional. Esse padrão de jogo que o Operário tem hoje não está aí por acaso. Foi conseguido com uma perfeita consciência de trabalho profissional sob o comando de um técnico muito respeitado nos grandes centros. A tendência, até agora, é seguir a linha traçada a partir da disputa do campeonato passado, porque já ficou patente que a diretoria do clube tem intenção de manter o elenco intocável. Manga, por exemplo, é um caso para ser resolvido com prioridade. Seu contrato termina no final deste mês, mas ninguém na direção do clube pensa em poupar esforços para mantê-lo em Campo Grande. Manga deu a tranqüilidade que a defesa precisava.

O futuro do Operário parece tranqüilo. Vai começar o próximo Campeonato Brasileiro com um time estruturado, sem craques mas com uma perfeita disciplina tática.

Nélson Rodrigues

1 — Amigos, se eu fosse o futebol brasileiro estaria, a esta hora, chutando em todas as direções. Vocês entendem? Se a evidência quer dizer alguma coisa, o Brasil não pode perder 15 minutos. O Passo, por exemplo, o nosso Passo diz esta coisa horrenda: - "O escrete não tem obrigação de vencer". Pois tem esta obrigação.

2 — O futebol brasileiro só não foi Campeão Mundial muito antes, porque o escrete não tinha condições psicológicas para ganhar. E, por isso, o Brasil não venceu em 50 e nem em 54.

3 — Ganhou, finalmente, em 58. Este País se levantou. Foi uma coisa gigantesca. Por que a vitória? Porque num determinado momento, cada um de nós acreditou em si. O Brasil parou. Vi um nosso digno pau-dágua cair rente ao meio fio. Havia água suja. E foi lindo quando aquele nosso irmão bebeu em ambas as mãos, a água da sarjeta.

4 — Lembro-me de alguém, a berrar: — "Não bebe essa água, palhaço!" Um outro defendeu o bebedo: — "Palhaço é você, desgraçado". Estou falando, porque se trata do Brasil. É preciso repetir: — "Brasil, Brasil, Brasil!". De vez em quando é preciso ser patriota.

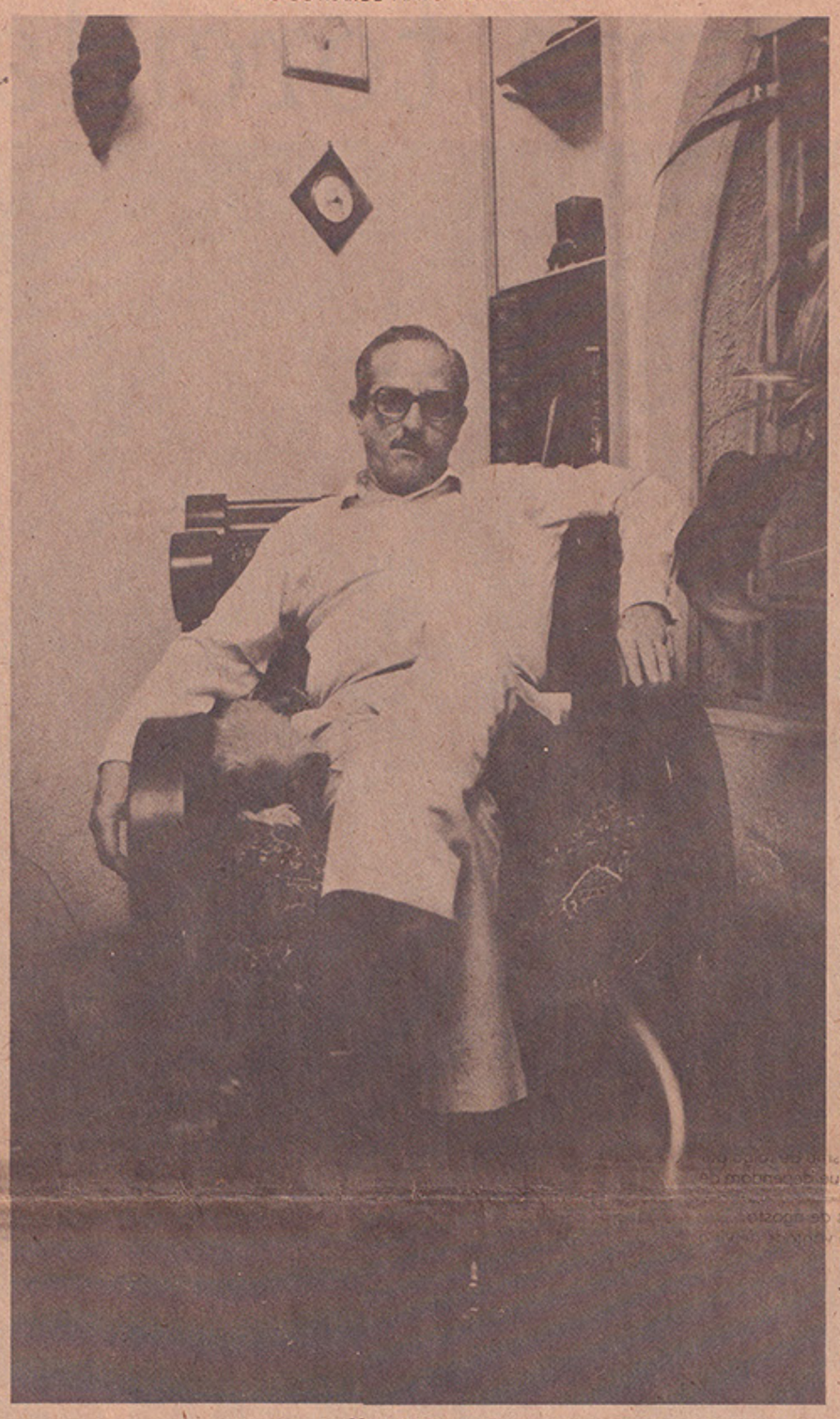
5 — Ontem mesmo, eu vi o Neville, o diretor de "A dama do lotação", numa discussão feroz com um cretino fundamental. O cretino dizia: "O Brasil é um País de quinta ordem". Esta foi demais. O Neville o abotoou: —"Diz isso outra vez, que eu te arrebento". O fulano saiu correndo. E corria como um coelhinho de desenho animado.

6 — Outra coisa que me pareceu, e ainda me parece de uma cristalina indignidade, é quando se diz: — "Tudo, menos patriotada". Porque não patriotada, meu Deus do céu! um sujeito disse-me o seguinte: — O brasileiro me embrulha o estômago, quandó diz coisas como "prefiro a derrota a patriotada". "Durma-se com um barulho desses!"

7 — O fato de ser na Argentina, o campeonato mundial, deprime alguns. Pergunto: — ou vocês não percebem que o Brasil é melhor la fora? Em 50 o Brasil não ganhou, simplesmente porque era aqui. Se não fosse aqui, o Brasil teria ganho de cinco.

O TORCEDOR QUATROCENTÃO

TEXTO DE MARCO ANTÔNIO RODRIGUES



Marcello Augusto Pereira de Queiroz, 61 anos, um são-paulino desde os primeiros tempos. Abaixo, o pai, Luís Augusto Pereira de Queiroz, um dos fundadores do clube.

Nos olhos daquele menino, a alegria pela descoberta de uma nova paixão. Pelas mãos do pai Luís, todos os domingos, ele saía da rua Alemanha, no Jardim Europa, pegava o bonde na Augusta, ia até a praça do Correio onde, ao lado de outros homens como o seu pai, de terno e cartola, tomavam o bonde para a Ponte Grande.

Estava nascendo o mais novo clube de futebol da cidade: o São Paulo da Floresta. E ele surgia não apenas da fusão de alguns sócios da Associação Atlética das Palmeiras e do Clube Atlético Paulistano — este, principalmente, descontente com os rumos que o profissionalismo no futebol estava tomando.

A formação deste clube abrigava outras paixões que o menino Marcelo ainda não conseguia decifrar. Era a reunião de um grupo de profissionais liberais descontentes com a política de Getúlio Vargas, e queriam fazer do São Paulo, um modo de extravasar o amor pela terra, por este Estado, por esta cidade.

No dia 27 de janeiro de 1930 o clube foi fundado oficialmente, sob a presidência de João de Oliveira Barros, levado ao cargo por vinte e oito ilustres conselheiros do Paulistano e do Palmeiras (que nada tem com o Palmeiras atual).Entre eles o pai de Marcello, Luís Augusto Pereira de Queiroz.

E, em campo, o São Paulo atendia ao entusiasmo dos seus fundadores, conquistando logo grandes vitórias. Mantendo a base do Paulistano — então o mais forte time do futebol paulista — o São Paulo chegou ao vice-campeonato de 1930, no seu primeiro ano.

Na temporada seguinte, porém, em 32, atuando quase todas as partidas com Joãozinho, Clodô e Bartô; Bino, Milton e Fáchio; Luisinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira, ganhou o título do campeonato paulista. E tornou cada jogo um acontecimento social ainda mais disputado entre a classe média alta da época.

Um espetáculo proporcionalmente tão concorrido como nos dias atuais, com o torcedor saindo logo cedo de casa para lotar o estádio quando da abertura dos portões, muitas horas antes do início do jogo.

E, com muito entusiasmo, incentivando a equipe com os seus tradicionais gritos de guerra — uma imitação do que os alunos do Mackenzie aprenderam nas universidades americanas:

Aique-paique-chaique-aique (bis)
Tchengô-tchengô
Rá-rá-rá
São Paulo, São Paulo, São Paulo....

Ou então, o mais vibrante ainda:

Arakan-barabatan(bis) **Uberê-ubera**
Rá-rá-rá
São Paulo, São Paulo, São Paulo...

E aquele menino, que viu o São Paulo nascer; é hoje o advogado Marcello Augusto Pereira Queiroz de 61 anos, que com a mesma emoção relembrou esta eufórica passagem do seu clube.

E ele, que viveu de perto todas as fases do clube, apenas como um torcedor apaixonado, levado no início pelas mãos do pai (que antes de ser um dos fundadores do São Paulo foi presidente da Apea — Associação Paulista dos Esportes Atléticos) e depois apenas pelo seu próprio amor ao clube, nunca teve qualquer cargo no São Paulo.

Assistiu, em seguida, ainda na sua juventude, à falência do São Paulo da Floresta e o consequente êxodo dos seus melhores jogadores para o futebol carioca, Argentina e Uruguai. E essa crise ocorreu quando o time de futebol mantinha-se dentro de um bom nível, conquistando, depois de 32, três vice-campeonatos.

Em 35 o São Paulo não disputou nenhum campeonato. Só conseguiu se reerguer no final do ano, em dezembro, com a reunião de um grupo que discordou violentamente da fusão com o Tietê. E, em 35, agora mais ainda por ideiais políticos, o São Paulo F.C. foi fundado para representar a cidade, a força paulista — e desta vez o apelo congregou também um forte contingente popular.

— O clube reuniu a elite descontente com 32, o povo também. Tanto é que era conhecido como o time dos pipoqueiros — diz Marcelo Pereira.

Mas até a década de quarenta — ou a inauguração do Pacaembu — o São Paulo não teve mais grandes times, ficando em uma posição secundária em todos os campeonatos de que participou.

Mas, mesmo assim, houve grandes vitórias:

— Como aquela de seis a zero em cima do Palestra, no campo da rua da Moóca. Neste dia (26 de março de 39) Porfírio da Paz, num rasgo de euforia, atirou o seu chapéu para o alto. O chapéu se prendeu no galho de uma árvore e lá ficou, a pedido da torcida, por muito tempo, simbolizando a inesquecícel vitória.

Nesta época o torcedor Marcello estava no segundo ano da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Um tempo em que os alunos se encontravam todas as noites no Ponto Chic para discutir política, filosofia, literatura e futebol, logicamente.

Uma fase de ascensão técnica do São Paulo. Em 40, derrotou o Vasco da Gama do Rio, por 4 a 0, no campo do Canindé, o novo local da sede do clube. Um jogo histórico pois representou a primeira partida noturna de futebol na América do Sul.

A torcida do São Paulo na época era respeitada pelas outras. Dividia o Pacaembu com a do Corintians, por exemplo, em dias de grandes jogos. O grande rival, porém, foi sempre o Palmeiras:

— O Corintians, muitas vezes — conta Marcello — chegou até a ser um time amigo. Com o Palmeiras não. A rivalidade foi sempre grande.

Tanta que os torcedores são-paulinos viravam o rosto e fechavam os olhos quando passavam em frente ao Parque Antártica, o odiado reduto dos inimigos e o maior campo da cidade antes da inauguração do Pacaembu. Uma rivalidade que se acirrou ainda mais depois que o São Paulo tentou, nos bastidores da política, se apossar do campo do Palmeiras.

Mas, a década de quarenta foi a mais profícua da história do São Paulo. Ganhou seis títulos paulistas e formou memoráveis equipes. Ele voltou a ser campeão em 43, após 12 anos sem vencer (e depois foi campeão em 43, 45, 46, 48 e 49).

Um bom exemplo da empolgação que cercou o São Paulo na década de quarenta está na estréia de Leônidas. Nenhum outro jogador do futebol paulista viveu um momento tão apoteótico como aquele do dia 24 de maio de 42, um belo domingo de sol no Pacaembu.

Nas arquibancadas, um recorde: 72.078 pagantes (número superado apenas no passado, duas vezes, com os jogos Corintians e Ponte Preta e Santos e Palmeiras). Leônidas não fez nenhum gol mas não desiludiu o mito e o fascínio que os torcedores paulistas tinham naquela época pelos nomes dos grandes jogadores cariocas.

São Paulo e Corintians empataram por 3 a 3. Foi uma guerra entre o grande ataque do São Paulo (Luisinho, Valdemar, Leônidas, Teixeirinha e Pardal) contra a rígida defesa do Corintians (Joel, Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino). Depois Leônidas se consagraria como um dos maiores jogadores do clube em todos os tempos:

— Leônidas era um grande malabarista — diz Marcello. Pelé tinha uma visão de jogo excepcional, e um reflexo incomparável. Mas nenhum deles assimilou tanto a técnica do futebol como Friedenreich, o "El Tigre". Este realmente foi incomparável, o maior de todos.

O ataque do São Paulo que no início da década de quarenta já surgia arrasador, ficou mais forte ainda com a inclusão de Sastre e Tim. Principalmente Sastre(Tim não ficou por muito tempo), um argentino que acabou sendo um dos grandes jogadores da sua história.

Ele fez parte de um ataque que ainda tinha Luisinho, Leônidas e Pardal; e uma defesa que contava com Gijo, Piolim e Virgílio; Rui, Zezé Procópio (depois substituído por Bauer) e Noronha - uma das melhores equipes que este clube formou.

- É impossível contar hoje como este time jogava. Um time de alguns gênios. O São Paulo liquidava com os adversários. Sim, o termo está certo: liquidava mesmo. Sastre, por exemplo, foi um jogador maravilhoso, que não pode ser comparado com ninguém atualmente.

Esta foi uma época inesquecível para os são-paulinos, especialmente para o torcedor Marcello PereiraQueiroz(então um advogado recém formado que acompanhava o time por toda parte), há 36 anos sócio do São Paulo e que conhece todos os passos da sua existência por acompanhar os seus jogos de perto.

O incontido amor por este time começou a diminuir depois do título de 57, numa memorável decisão contra o Corintians, no Pacaembu, que o São Paulo venceu por 3 a 1. Antes deste, o São Paulo conquistara também o título de 53. Mas foi a contratação de Zizinho, junto ao Bangu, do Rio, que deu ao São Paulo outra vez o carisma de grande equipe — uma tentativa repetida em outras épocas, com as contratações de Didi e Gerson (só este é que deu certo).

O título de 57, para muitos são-paulinos, simbolizou o fim de uma época, pois o clube, apesar da elite que dominou sempre a direção, também se popularizou graças às boas equipes que formou:

— O entusiasmo ainda se prolongou por algum tempo. Mas, quando o São Paulo voltou a ser campeão em 70 e 71, já não era mais a mesma coisa. — diz Marcello Pereira.

A construção do Morumbi, a partir de 53, fez com que a diretoria não se preocupasse tanto com o futebol, o que contribuiu para um gradual afastamento da sua torcida:

— Mas nesse tempo ainda tolerávamos a política do clube. Ela era compreensível pois a meta era construir um clube. Mas este clube jamais foi construído e o futebol, cada vez mais, dominado por jogadores ruins, indignos de vestir uma camisa que pertencera a tantos magníficos jogadores por tanto tempo.

O ano de 58 encerrou dez anos de administração de Cícero Pompeu de Toledo. E, até hoje, desde há vinte anos, que a dupla Laudo Natel e Henri Aidar detém o poder político do clube. Neste tempo, apenas três títulos de grande importância foram conquistados: Os campeonatos paulistas de 70, 71 e 75; pois nos torneios Rio-São Paulo e campeonatos nacionais o São Paulo nunca chegou a ser campeão.

— O clube passou a ser um instrumento político de um grupo pequeno e fechado. A verdade é esta. Assim,nosso entusiasmo diminuiu. Quem conheceu o São Paulo do passado como nós conhecemos, fica angustiado em ver tanta mediocridade.

Mas bastou, nos últimos jogos deste Campeonato Brasileiro, que o São Paulo conseguisse alguns bons resultados para que o velho torcedor Marcello,com 61 anos, sete filhos e quatro netos, voltasse a falar, sempre em um tom de voz firme e alto — como se estivesse diante de um tribunal — do seu entusiasmo por essa equipe:

— Você viu? A torcida não morreu, não. Isso ninguém consegue acabar. Por mais erros que uma diretoria cometa. Em dois jogos, contra o Grêmio e Operário, colocamos duzentas mil pessoas no Morumbi. Este sim é o São Paulo que conheci.

Na simples mas confortável casa de uma tranqüila e arborizada rua do Jardim Paulistano, sentado em uma confortável poltrona, embaixo do brasão de armas da família (concedido pelo governo federal em 1922, quando do primeiro centenário da independência, aos cinqüenta descendente diretos de José Bonifácio de Andrade e Silva) ele explicou a razão da sua alegria às vésperas da decisão do Campeonato Brasileiro:

— Seria impossível torcer como antes, simplesmente porque naquele tempo tudo era diferente. Mas, agora o trabalho de um homem devolveu ao São Paulo a antiga dignidade: o técnico Rubens Minelli.

Minelli, segundo ele dinamizou um elenco que estava viciado, comprando, vendendo e dispensando vários jogadores. Uma reformulação que deveria se estender a todos os escalões do clube.

E, para a sua alegria, surgiu até o uruguaio Dario Pereira, com a fibra e a imponência dos heróicos jogadores do passado.

Dario não joga com Sastre, é verdade. Mas a sua simples presença faz este exigente são-paulino quatrocentão a buscar na memória aventuras que integram a história do próprio clube. Como durante aquele jogo, em Santos, na década de 40, que ele e o inseparável amigo, Sebastião Velozo entraram no campo da Portuguesa Santista só para brigar com um argentino de nome Gonzalez que agrediu com um chute desleal o estimado ponta esquerda Novelli do São Paulo da Fé:

BONS TEMPOS

Friedenreich, um dos mitos dos primeiros tempos. À esquerda, um dos times da áurea década de 40: Piolim, Rui, Virgílio, Zezé Procópio, Tim e Pardal. Noronha e Gijo (em pé); Luisinho, Sastre, Leônidas,

Duas legendas vindas do Rio para conhecer a glória: Leônidas, em 1942; Zizinho, em 1957.

O primeiro título: São Paulo, campeão paulista de 1931. Na decisão, uma vitória de 4 a 0 contra o Palestra Itália.

A INVASÃO

O texto desta página é de *Edmar Pereira*. As fotos são de *José Luiz Gevaerd*.

Os alegres e discretos tricolores, uma torcida diferente.

A Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro abre cada um dos seus desfiles com este aviso: "Nem melhor nem pior do que as outras, apenas uma escola diferente". Pena que a frase já tenha dono, seria a melhor definição para a torcida do São Paulo. Uma torcida diferente, muito diferente. Sem o desespero corintiano, sem aquela necessidade absoluta de vencer ou morrer. E sem a auto-suficiência da torcida palmeirense. O que não quer dizer que seja uma torcida fria, ou que não acredite na força do seu time. Mas eles torcem diferente. Torcem como quem não precisa do futebol como o único veículo de afirmação, a única forma de deixar sua marca no mundo.

Mas deixam. E vibram. Uma vibração que ontem começou no aeroporto, por volta das 10h30, com os 109 passageiros do jato da VASP, especialmente fretado para torcedores que pudessem pagar Cr$ 2.300,00 pela passagem, com direito a um ingresso de cadeira numerada, com entrada pelo portão nº 2 do Mineirão. O mesmo local onde a torcida cruzeirense já vivera momentos de glória. Neste instante, contudo, ainda em Congonhas, as lembranças eram todas são-paulinas. Vicente Ferrari, por exemplo, um oficial de Justiça aposentado, "depois de ter trabalhado desde os 12 anos", agitava com calma e bom ritmo uma grande bandeira tricolor. E desfiava histórias de um time antigo, ainda no estádio do Canindé. Um time de Leônidas da Silva, o "Diamante Negro", de Sastre, de Luisinho. Alguns mais jovens paravam para este aprendizado rápido da história do clube. "Eu vi todos esses times, diz Ferrari, e agora vou ver ainda mais. Aposentado, não tenho mais com o que me preocupar, vou onde o São Paulo for. Se o time não estiver bom, nem me importo. Vou pelo gosto da viagem." Enquanto se despede do filho e do neto pequeno ("Vou voltar campeão", garante), Ferrari ainda relembra o campeonato de 57, com Zizinho, "quando ganhamos a final por 3 a 1. E este é o meu placar para hoje".

Do outro lado, mais torcedores vão chegando. Alguém distribui bandeiras do São Paulo, alguém fotografa. E muitos começam a cantar, a gritar, um coro quase agradável. Que aumenta cada vez mais. Paródias de sambas e marchinhas conhecidas vão aparecendo. E a rivalidade com o futebol carioca é mais do que clara. Afinal, para a maioria, a suspensão do ídolo Serginho não passa de uma trama da gente do Rio.

"Chora carioca, carioca chora... São Paulo é time grande/São Paulo é varonil/Quem não gosta do São Paulo/Vá prá...fora do Brasil".

Esta talvez seja a melhor definição desta torcida elegante, que viaja de avião, que parece aterrorizada com qualquer palavrão, com qualquer atitude que possa confundi-la, por exemplo, com a valente torcida do Corintians. O primeiro que não resiste ao convite do inevitável palavrão para rimar com "varonil" é alvejado com olhares de absoluto desdém de dois jovens ao meu lado. Bem vestidos, enrolados em bandeiras novas, de cetim, belos mocassins de couro marron, jeans importados, corrente Gucci no pescoço.

Mas nem todos moram nos jardins, nem todos são industriais. João Luís Scale e Alício Carlos Filho são técnicos em máquinas, trabalham e estudam juntos. Os dois usam camisas do São Paulo, torcem e fazem questão de demonstrar qualquer ausência de fanatismo. "Niguém pode dizer que o Atlético não seja um grande time, joga até mais bonito que o São Paulo", comenta um deles. Outro torcedor, este muito mais animado, informa que em Belo Horizonte o aeroporto está fechado, que chove muito, que o tempo estará pesado, que isto é ótimo para o São Paulo. É Hermes Fioravanti, o coordenador deste vôo especial, relações públicas da Brasibel. Hermes parece um dos líderes da Legião Renovadora, a oposição são-paulina. Entre os 109 passageiros muitos outros se queixam da atual diretoria e exigem também mudanças.

João Acras, que comanda vários "pique, piques" com uma incrível energia, tenta me explicar a importância da oposição. "Nós obrigamos a atual diretoria a mostrar serviço, a fazer grandes contratações". Acras é mais um torcedor da velha guarda são-paulina, que tem na memória todos os grandes momentos da vida do clube. Na memória e nas estantes: invejado por todos os torcedores mais fiéis, Acras possui a coleção completa da "Revista Tricolor". Mas tanto amor pelo clube não foi suficiente para evitar uma grande mágoa: depois que encontrou fechada a sede social do clube, quando foi até lá para comemorar o campeonato de 75 (conquistado sobre a Portuguesa, numa decisão por pênaltis como a de ontem), jurou que jamais veria novamente um jogo do seu time. "Mas essa oposição de agora me fez mudar".

Quando todos se reúnem para o embarque, Vitor Pessoa, industrial, junta sua família. Estão juntos seus filhos, seus dois irmãos e os filhos destes, todos com bandeiras. E todos absolutamente certos de que vão golear São Paulo. Vitor até arrisca o placar do jogo: "Quatro a zero prá nós, os mineiros vão ficar loucos hoje". Mauro, estudante de Medicina, abraçado com a namorada, estremece e quase segreda: "Se for um a zero já está ótimo". E se o São Paulo não ganhar? "Ganha o Atlético, que até merece mais do que a gente".

Cintos apertados, um pouco de tensão. Ou muita, no caso de Jesus Machado, estudante, 17 anos, visivelmente deslocado e atemorizado em seu primeiro vôo. Fala apenas por monossílabos e, quando canta, a voz não sai, só os lábios fazem movimentos. Ele se enrola numa bandeira surrada, "a mesma que eu levei a Campinas na vitória sobre a Ponte, que eu achei o melhor jogo do São Paulo neste campeonato. Melhor até do que domingo passado contra o Grêmio. Hoje? São Paulo 2 a 0". E se cala novamente enquanto praticamente todo o avião canta:

"Quando eu morrer quero a camisa do Serginho/, quando eu morrer quero a camisa do Serginho/, E no caixão a assinatura do Chicão/ E no caixão a assinatura do Chicão..."

A voz mais vibrante é de Antônio Carlos Barduco, advogado, gaúcho, com leves simpatias pelo Grêmio, "mas antes de tudo um são-paulino fanático". Ele é o único entre todos que acerta o resultado do jogo: "Sem Reinaldo e sem Serginho não vai ter gol. Esso jogo vai para os pênaltis, e aí o São Paulo é que vai ganhar".

Outra ameaça de palavrão. E logo um psiu forte. Que não abafa entretanto o protesto uníssono de todos, quando Hermes exibe a manchete de um jornal carioca: "É hoje: vai dar galo ou zebra?". Ninguém admite que o São Paulo seja chamado de zebra. Isso é discutido durante o almoço, um macio filé de galinha. "O galo estará mais duro, garante alguém, mas mesmo assim o Chicão vai lá e acaba com o jogo."

Belo Horizonte, 13h20. Os são-paulinos descem do avião. O primeiro encontro com os atleticanos: "Inha, inha, inha. O galo vai virar galinha". Um torcedor ameaça tomar uma bandeira que pende da janela do ônibus que levará a turma até o estádio. A vingança vem rápida: "Galo coisa nenhuma, vocês são é corintianos. Tudo preto e branco, tudo cachorrada". Alguém corta a provocação, nada de briga, melhor esperar até o final do jogo, nós somos minoria, o negócio é aguentar tudo, etc.

Mas nada há para aguentar. Nenhum perigo ameaça a torcida tricolor. Dentro do estádio, como se fossem velhos amigos, atleticanos e são-paulinos se abraçam. Bebem gigantescos copos (de plástico, para que ninguém saia ferido) de cerveja, trocam votos de felicidade, que vença o melhor. Marcam-se encontros para o intervalo, e mais cervejas. E combina-se troca de camisas e bandeiras no final do jogo, "seja qual for o resultado".

Uma rádio anuncia que Serginho e Reinaldo jogarão, por obra e graça de um mandado de segurança impetrado nos últimos minutos. Delírio nos botequins. Aí, a não ser pelas camisas e bandeiras, não se sabe mais quem é Atlético ou São Paulo. Mais abraços, apertos de mão, palmas, saltos. E sensação, porque exatamente em frente ao bar desta cena pára o ônibus do Atlético. Vermelho, assustado com as bandeiras tricolores, desce o goleiro João Leite. Um são-paulino não perde tempo na tradução: "John Milk, John Milk!" Os atleticanos olham desconfiados. Quando desce Reinaldo os aplausos são unânimes. "Esse é craque, tomara que ele não jogue. É melhor o São Paulo sem Serginho do que o Atlético com o rei deles". Outro comentário: "Mas ele é pequeno demais, com o Chicão não dá nem pra saída".

Ninguém aguenta mais tanta cerveja, tanta confraternização. Que acaba no momento em que o pessoal senta nas cadeiras. Na frente delas a geral. Da geral, o povo atleticano não quer saber de finuras. Recebe os são-paulinos com bolas de papel molhado, copos de plástico cheios de chuva e outros projéteis menos identificáveis e igualmente desagradáveis. Chama-se para a briga, fala-se em dinheiro, convoca-se a polícia. Começa o jogo, paz.

O São Paulo ataca, joga melhor, é uma surpresa até para sua torcida. A euforia toma conta de todos, a confiança aumenta ainda mais. E o fleumático torcedor são-paulino que não quer parecer corintiano ou palmeirense, deixa-se tomar pela paixão. Ninguém mais reprime os palavrões, ninguém mais se lembra de ter achado que o Atlético era o melhor time. Chico, estudante, documenta tudo com sua filmadora. "Esse filme eu vou guardar para mim, o filme do campeonato". Ainda se reclama da ausência de Serginho.

Se o intervalo fosse um pouco maior, ninguém voltava para o segundo tempo. Os atleticanos oferecem mais cervejas, mais abraços e, agora, frases de sincera admiração pelo time tricolor. Admiração que cresce tanto quanto a confiança no título, à medida em que o que o tempo vai se esgotando. Omar e seus dois colegas da zona sul paulistana, todos estudantes, já não têm dúvidas: a vitória virá na prorrogação. Não veio. "Virá nos pênaltis, como eu falei", garante Barduco. Um atleticano garante que não. "Quer casar um dinheiro?", desafia o paraibano tricolor do seu lado. Mil cruzeiros de cada um são depositados nas mãos da noiva do torcedor do Atlético. Getúlio corre para a bola, João Leite defende. O paraibano sorri amarelo, engole seco e salta, como todos os são-paulinos quando Cerezo chuta por cima da trave. Vem Chicão, escorrega, chuta mal, outra vez João Leite. Outro sorriso amarelo. Então, como se tudo já estivesse determinado, o Atlético vai chutando seus pênaltis para fora. O torcedor atleticano desaparece, deixa sozinha a noiva com o dinheiro. Delírio, abraços, lágrimas. O paraibano tricolor, modesto, para a noiva abandonada: "Eu só apostei o dinheiro, minha filha, você eu devolvo prá ele".

"Inha, inha, inha, o galo virou galinha". A torcida sai unida do estádio, nenhum atleticano ousa contestar. Alguns, olhos vermelhos, a voz embargada, tiram suas camisas e trocam com os são-paulinos. Todos se comovem, prometem um troco ainda mais gentil quando o Atlético vier a São Paulo. "Pelo menos o título não ficou com um time carioca", é o consolo geral.

Ninguém quebra nada, ninguém provoca. Do ônibus ao avião vive-se uma alegria intensa, mas ao mesmo tempo contida. "O torcedor são-paulino é assim mesmo, explica Barduco. É gente de nível superior, que, quando não é, aspira a ser e se comporta como se já fosse". No avião, o comandante Miro é saudado como qualquer dos craques quando realiza outra decolagem perfeita. Canta-se, comenta-se certos lances do jogo. Mas não há qualquer passionalismo. É como se o título já estivesse conquistado há muito tempo e não apenas há poucos minutos. Um herói? Chicão, para todos tão injustiçado quanto Valdir Perez por não ter sido chamado para a Seleção. Mas nem isso parece revoltar essa torcida tão diferente. "Có, có, có, có, có: o galo virou galinha e o São Paulo não teve dó". Na descida do avião, a torcida invade a pista. Cada um se sente heróico, abraçado, saudado. Buzinas, gritos, batucada. No coro, um entusiasmo distraído rima varonil com o inevitável palavrão. E outra vez os mesmos olhares indignados, o mesmo temor de confusão com outras torcidas. E o comentário, entre dentes: "São-paulino não torce desse jeito!"

Em Congonhas, o início do entusiasmo bem comportado dos torcedores.

Bandeiras agitadas e gritos. Palavrão não é bem aceito.

Acras, voltando com a oposição.

Pessoa, a família toda torcendo.

A INVASÃO

Por Dinoel Marcos de Abreu

A caravana do São Paulo chega, agressiva. E é recebida com pedras.

A caravana de torcedores paulistas que foi assistir ao jogo de ontem, no Mineirão, chegou a Belo Horizonte aos gritos de São Paulo e Cruzeiro. E, por causa disso, logo à entrada da cidade passou a receber a hostilidade da torcida atleticana, inconformada ao ouvir os nomes de seus dois inimigos, aliados para a decisão do Campeonato Nacional.

Os meninos, ao verem os ônibus desfilarem pelas ruas com bandeiras tricolores, não se continham e atiravam pedras. Torcedores adultos vaiavam e respondiam aos são-paulinos agitando bandeiras do Atlético. Era o começo da reação ao desafio da TUP — Torcida Uniformizada do São Paulo.

Mas, pela importância do jogo, quem esperava uma grande invasão de torcedores do São Paulo em Belo Horizonte, igual ao do Corintians no Rio de Janeiro, em 76, ficou decepcionado. O próprio presidente da TUP, Hélio Silva, contava com maior número de torcedores em sua caravana. Tanto é que ele havia reservado 200 ônibus para atender os são-paulinos, e teve que se contentar com 50.

— Eu esperava muito mais ônibus lotados. Mas o que me deixou animado e confiante de que vamos encher o Mineirão foi a grande procura de ingressos na nossa sede, maior do que a venda de passagens. Desse modo, acredito que muitos viajaram de carros particulares e ônibus de linha regular.

Entretanto, se pouco mais de dois mil torcedores viajaram na caravana da TUP, o que os organizadores da torcida não deixaram faltar no Mineirão foi o seu tradicional festival de pó de arroz, que caracteriza o torcida. Segundo Hélio Silva, 700 quilos de talco foram despejados no estádio, na hora da entrada do São Paulo em campo. Além de um total de 80 metros de faixas e 650 bandeiras de ala levadas para o estádio. A sua bateria, porém, foi pequena: apenas 30 elementos tomaram parte.

Para essa aventura de incentivar o seu time, a torcida alugou cada ônibus pela importância de 11 mil cruzeiros, o que, segundo Hélio Silva, não dá para visar lucros.

— E isso não é o que pensamos. A nossa intenção é dar um bom incentivo para o nosso time, mostrar o nosso amor ao São Paulo, tentando com isso conseguir mais sócios, crescer como uma das maiores torcidas uniformizadas do futebol brasileiro. Pena é que o torcedor são-paulino, de um modo geral, não pensa assim. Mas, pelo menos, eles já estão lotando o Morumbi, como aconteceu contra o Operário.

Na avenida Ipiranga, na noite de sábado, o mesmo local onde os torcedores corintianos, há dois anos, se preparavam para ir ao Rio de Janeiro, a torcida do São Paulo tinha uma agitação sem muito estardalhaço, dando a impressão que o jogo era em São Paulo e a maioria dos torcedores saissem de suas residências para o estádio.

O trânsito não chegou a ficar muito congestionado naquela avenida, dispensando a intervenção da polícia. Esse espetáculo foi exatamente o contrário do apresentado pelos corintianos, que desde as 14 horas já se aglomeravam na esquina da avenida Ipiranga com a rua Santa Ifigênia, promovendo um quase tumulto à hora do embarque.

Presente ao local do embarque dos torcedores do São Paulo estava Flávio La Selva, um dos diretores do Grêmio Gaviões da Fiel, a maior torcida uniformizada da cidade e tricampeã do carnaval de rua, na categoria de blocos:

— Eu vim aqui para ver o movimento deles. Disseram que iriam invadir o Mineirão. Mas, pelo que vejo, não vai dar nem para invadir o saguão do estádio.

A caravana dos são-paulinos saiu com uma hora de atraso por causa da identificação de todos os torcedores que embarcavam. À zero hora, o ônibus número três da caravana deixava a Ipiranga rumo a via Fernão Dias. Dentro dele estavam os batuqueiros, que segundo o presidente, formam a turma da pesada da torcida. E para provar o ponto de vista de Silva, no ônibus numero três teve início, a partir daquele momento, talvez a viagem mais animada entre todos os outros da caravana, assim como a mais conturbada.

Composto na sua maioria por rapazes, dentro do ônibus viajava apenas uma mulher: a jovem Edna que há três anos acompanha a Tup. Edna foi eleita a rainha do ônibus. Sem temer pelas brincadeiras dos colegas, ela não parava um minuto em sua poltrona, acompanhando o ritmo da batucada.

Dormir durante as onze horas de viagem nesse ônibus, era praticamente impossível. Pois assim que um torcedor descobria que alguém tentava fazer isso, sucedia-se o barulho ensurdecedor dos instrumentos próximo aos ouvidos de quem estava adormecendo.

— Todo mundo aguentando firme até lá, era o aviso vindo do fundo do ônibus, onde se concentravam os instrumentos.

Com uma hora de viagem, quando o cheiro da cachaça já era forte dentro do ônibus, Cláudio encarregado pela Tup para manter a ordem, teve que interferir pela primeira vez. Um torcedor visívelmente embriagado, desentendeu-se com um outro. Tentou brigar, mas não conseguiu. No alvoroço quase que alguns instrumentos foram danificados, causando revolta em quase todos os batuqueiros. Foi preciso então que Cláudio o tirasse dali, e o deixasse longe dos batuqueiros.

A partir daquele momento, a batucada estava proibida dentro do ônibus, ficando a distração por conta do rádio do ônibus. Os torcedores começaram então a falar de futebol, mais precisamente sobre Serginho e a Seleção. Todos foram unânimes em absolver o atacante do São Paulo, condenando o juiz Oscar Scolforo, por não ter visto o jogador agressor, tendo citado Serginho acreditando unicamente na palavra de seu auxiliar Vanderlei Rangel.

A Seleção, depois de muitas opiniões, teve basicamente uma formação bastante imparcial, pois nenhum jogador do São Paulo fazia parte dela. Leão, Zé Maria, Luiz Pereira (Oscar) Amaral e Rodrigues Neto, Cerezo, Falcão e Rivelino; Tarciso, Reinaldo e Ziza.

O futebol deixou de ser assunto quando o ônibus, às duas e meia, fez sua primeira parada, numa churrascaria. Todos descem e voltam em menos de meia hora, muitos trazendo doces e bebidas que foram surrupiados.

A partir desse momento até a próxima parada, a viagem foi monótona. Sem rádio, sem batuque e mal acomodados, uma vez que as poltronas não eram tipo leito e o ônibus não tem toalete, os torcedores passaram a ter uma viagem cansativa.

O CONFRONTO DAS TORCIDAS

Às quatro e meia, outro desentendimento. Um torcedor à favor da bebida, quase chega a brigar com Cláudio, que tentou controlá-la.

— Esse ônibus tem 40 passageiros, já pensou se todos ficarem bêbados?

Mas a confusão aumenta, ao ponto do motorista advertir a todos que iria parar o ônibus no próximo posto policial rodoviário, caso não houvesse silêncio. E foi mais além em sua ameaça:

— Eu tive seis anos de academia de boxe. Se for preciso fazer justiça aqui dentro eu faço.

— Vocês falam da torcida do Corintians, mas estão ficando pior do que ela, grita um torcedor.

Quando a manhã já começava a ficar clara — 5 horas — o ônibus pára e todos descem para tomar café. De novo aconteceu o roubo de mercadorias, enquanto outros distraiam os empregados. O saldo agora foi compensador: bebidas alcoólicas, refrigerantes, doces, salgados, bugigangas e até um par de sapato.

No reinício da viagem, a terceira e última briga. Essa com um pouco mais de gravidade: dois torcedores chegaram a trocar socos e pontapés apenas por causa de um chapéu com as cores do São Paulo.

A partir das sete e meia a viagem fica insuportável quando a metade dos passageiros de um outro ônibus da Caravana que quebrou na estrada, tiveram que continuar a viagem, no número três. Os torcedores com suas famílias, que procuram evitar, nas excursões, os ônibus dos batuqueiros, não tiveram outra escolha. Foi o caso de Edite Vasconcelos, que estava acompanhada de seus filhos, Jorge Roberto, de 13 anos, e de Kátia Cristina, de 12 anos.

— Acompanho o São Paulo desde Bauer, Noronha e Poy — diz ela. E mesmo depois de casada nunca deixei de ir ao estádio. Meu marido não gosta de futebol e nem por isso ele me impede de viajar. Contra o Operário, eu e meus filhos estivemos em Campo Grande, na caravana da Tup. Até agora não encontrei nenhum problema, apesar de muitos palavrões que se ouvem nos estádios e mesmo dentro do ônibus.

Se Edite é capaz de deixar o marido em casa para ir atrás do São Paulo, o mesmo acontece com Manoel Cezário, um marceneiro de 51 anos. No sábado, ele despediu-se de sua mulher e seus dois filhos para juntar-se à caravana da Tup, um gesto que ele faz freqüentemente desde que haja jogo do São Paulo. Mas sob protesto.

— A mulher acha ruim, porque eu quase não paro em casa nos fins de semana. Quando o São Paulo não joga aqui, joga fora e eu o acompanho. Estive também em Campo Grande e se der vou na libertadores.

Para ele, a viagem que lhe deu mais desgosto foi a de Ribeirão Preto. Há algumas semanas, no jogo com o Botafogo. Foi naquela ocasião que Serginho agrediu o bandeirinha.

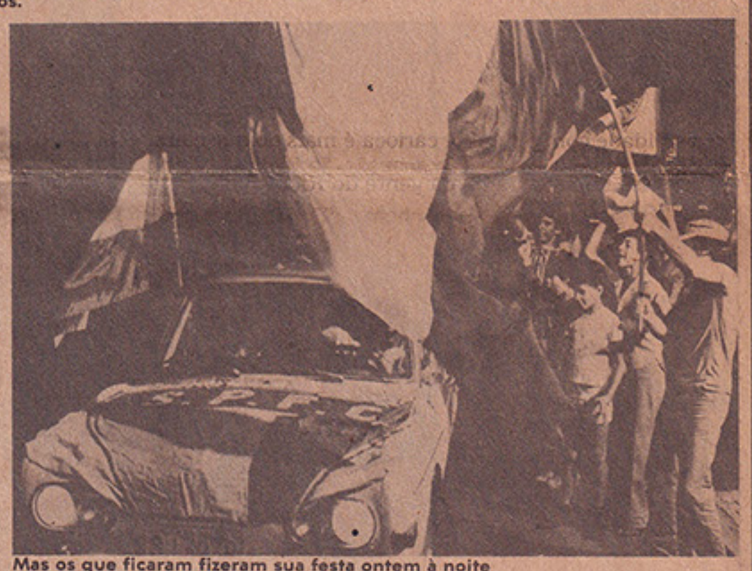
— Se agrediu ou não, eu não posso falar porque não vi direito, mas o juiz poderia compensar com o gol do Botafogo que ele errou. Eu tenho tanta raiva do Scolforo qué se eu cruzar com ele na rua vou pra cima dele.

Às 11 horas, a caravana do São Paulo prepara-se para entrar em Belo Horizonte. A alguns quilômetros da cidade houve a parada de quase todos os ônibus. A alegria contagiou a todos, as bandeiras foram colocadas nas janelas, a batucada, os gritos dos torcedores, buzinas e o talco jogado dentro do ônibus, despertavam os torcedores para a decisão.

A estrada Fernão Dias que teve um dia tranqüilo, porque via-se quase que somente os ônibus da caravana, desde São Paulo até a entrada de Belo Horizonte, a partir desse momento já mostrava o confronto de torcedores são paulinos e atleticanos.

A TUP entrou em Belo Horizonte dando viva ao Cruzeiro. E isto irritou os atleticanos.

Antes da viagem, em São Paulo, muitos já comemoravam.

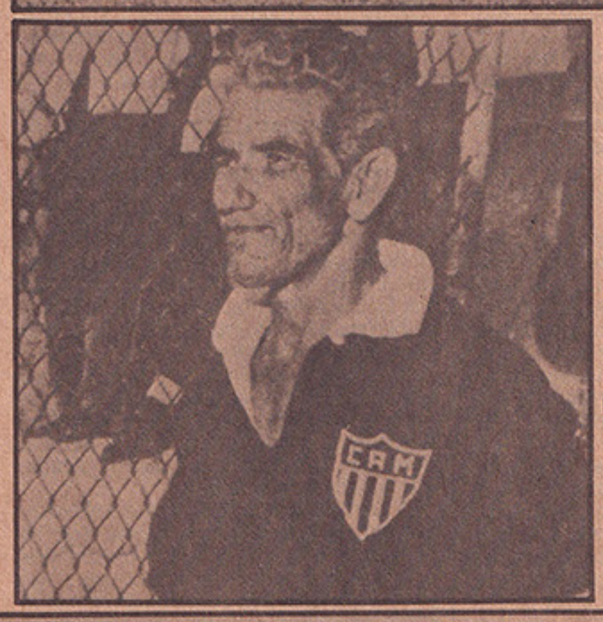

Mas os que ficaram fizeram sua festa ontem à noite

A chegada dos jogadores ao estádio.

Campeão! Enfim, o grito da vitória tão esperada.

Henry Aydar: tensão inevitável na hora dos pênaltis.

"Quem não é atleticano, não pode viver em paz com Deus."



Na foto maior, à esquerda, o time que ficou "campeão dos campeões, em 1936. E o gol de Carlyle, na vitória por 3 a 0 sobre o São Paulo em 1948. Ao lado, "Zé das Camisas", o fundador da "fábrica" de jogadores. Em baixo, à esquerda, um lance do jogo Atlético 1, São Paulo 0, em 1943. Depois, a comemoração do título, em 1946.

Foi um início difícil, quando o clube nem tinha dinheiro para comprar uma bola de couro. Depois de setenta anos, o Atlético se tornou o time da "massa". Se no começo nem tinha um campo de futebol, hoje o Galo pensa até em construir um grande estádio, onde possa caber a sua grande torcida.

"Quem não é atleticano, não vive em paz com Deus". Esta frase, ou simplesmente a afirmação de que "ser atleticano é uma coisa maravilhosa" definem bem a força do Atlético no futebol mineiro. Uma força que, explorada com inteligência e tino comercial, certamente o transformaria num dos maiores clubes do mundo. De um passado cheio de glórias e um futuro cada vez mais promissor em virtude da política de "fabricação" de jogadores que a sua diretoria resolveu adotar, esse clube, que tem o Galo como seu símbolo e cujo nome se transformou no grito de guerra da "massa", acaba de completar 70 anos de existência. Foram 70 anos de mais alegrias que tristeza, de muitos títulos conquistados e de muita vingança, tanto que também é chamado de vingador. Mas houve também muitas decepções, muitas lágrimas. E nem por isso o Atlético deixou de ser amado, de ser o responsável por um fanatismo contagiante, por vibrações incontroláveis.

O NASCIMENTO

Jogar no meio dos adultos era praticamente impossível para aquele grupo de meninos. Além disso, não tinham material nenhum e nem a bola de couro, naquela época um artigo de luxo. As peladas no terreno baldio na avenida Afonso Pena, onde hoje se localiza o prédio da Prefeitura, já não agradavam tanto. A solução era organizar um clube que tivesse tudo: campo, camisas e, principalmente a bola de couro, uma bola de verdade. E no dia 25 de março de 1908, numa velha arquibancada de cimento batido no Parque Municipal, nascia o Atlético Mineiro Futebol Clube. E começava a mudar a vida daqueles garotos: Margival Mendes Leal, Eurico Cazato, Mario Hermanson Lott, Humberto Moreira, Antunes Filho, Augusto Soares, Carlos Maciel, Benjamim Mosso Filho, Júlio Menezes Melo, José Soares Alves, Sinval Moreira, Leônidas Fulgêncio, Horácio Machado, Mário Toledo, os irmãos Raul e Hugo Fracarolli e Mário N ves.

Três dias depois, na casa de Mário Neves, houve a segunda reunião, desta vez para a escolha dos diretores. Por aclamação, Margival Mendes Leal foi eleito presidente: Mário Hermanson Lott, tesoureiro; e Eurico Catão, o secretário. Também ficou decidido que a mensalidade seria de 500 réis e quando o saldo do clube já atingia 13 mil réis, a tão sonhada bola de couro pode ser comprada. Certo que era uma bola de segunda mão e já não tão redonda. Mas era uma bola de couro e o time já podia aceitar convites para jogar. Não havia técnico, e de comum acordo, a primeira equipe foi escalada: Eurico Catão; Mauro Brochado e Leônidas Fulgêncio; Raul Fracarolli, Mário Toledo e Hugo Fracarolli; Francisco Monteiro, Mário Lott, Margival Mendes, Horário Machado e Benjamim Mosso Filho.

Mas, e campo? Eles haviam se esquecido disso e acabaram tendo de se contentar com um pequeno terreno entre as ruas São Paulo e Curitiba, hoje o centro comercial de Belo Horizonte. Embora garotos, a idéia era a de organizar muito bem o clube. O número de sócios aumentava a cada dia e três anos depois, quando já havia uma nova diretoria, o time fez a sua primeira partida oficial, empatando sem gols com o Minas Gerais Futebol Clube. A falta de um campo continuava a preocupar, até que o pai de Antunes Filho conseguiu junto à Prefeitura o campo do Sport Club, que havia encerrado suas atividades. O Atlético começava a se transformar no clube do povo e o número de sócios crescia assustadoramente. No dia 30 de março de 1912, a primeira partida no novo campo. Foi também a primeira vitória: 4 a 1 sobre o Acadêmico Esporte Clube. No primeiro amistoso intermunicipal, a primeira grande derrota: 5 a 1 diante do Gramberiense, de Juiz de Fora. Na revanche, em Belo Horizonte, a vingança: 7 a 0. A partir daí, o clube começou a se transformar em terror para os outros times da Capital, até que em 1914 foi organizado o troféu Júlio Bueno Brandão, do qual participaram América e Yale. Jogando com Ferreira; Moretzsohn e Cutthber; Djalma, Dopper e Lé; Paulo Dias, Araújo, Meireles, Matos e Rose, o Atlético conquistou o seu primeiro troféu.

Estava aberto o caminho para a conquista de títulos e troféus. E em 1915 o Atlético conseguiu o seu primeiro título oficial, num campeonato disputado também pelo América, Yale, Higiênico e Cristóvão Colombo. Foi após esse ano que o Atlético enfrentou a sua primeira crise, uma crise que durou dez anos. Somente em 1926 o time voltou a conquistar um novo título. Nessa época, Palestra Itália (hoje Cruzeiro), Vila Nova e Retiro já eram seus grandes adversários e no ano seguinte, a conquista do primeiro bicampeonato, quando o time utilizou alguns jogadores que até hoje permanecem na memória de seus torcedores, como Brant, Said, Jairo, Mário de Castro, Evandro e outros.

Depois, o Atlético não parou mais de conquistar títulos: em 31, 32, 36 (quando se tornou um clube profissional), 38, 39, 41, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 62, 63, 70 e 76. E vários torneios interestaduais e o sempre lembrado título de campeão dos campeões, em 1936, além do título nacional de 71, ainda são lembrados. Durante todos esses anos, uma infinidade de grandes jogadores passaram pelo clube: Kafunga, Nariz, Cordeiro, Cunha, Lauro, Geraldino, Dalmi, Evandro, Mário de Castro, Kim, Bala, Lero, Rezende, Guará, Nicola, Cafifa, Paulista, Tião, Hemetério, Bigode, Silva, Murilo, Ramos, Zé do Monte, Afonso, Lauro, Lero, Nívio, Lucas, Ubaldo, Amorim, Gastão, Haroldo, Carlyle, Valudo, Procópio, Marcial e muitos outros.

O CAMPEÃO DO GELO

Em 1950, o Atlético fez a sua primeira excursão ao exterior. Pela primeira vez uma equipe mineira deixava o Brasil. E os torcedores jamais podiam imaginar aquele time, jogando em campos cobertos de neve contra os poderosos europeus, pudesse evitar goleadas. Na estréia, contra o Munich 1860, um dos mais famosos quadros da Alemanha na época, o Atlético impôs seu futebol e venceu por 4 a 3. Em Belo Horizonte, a euforia era total. Na segunda partida, uma goleada de 4 a 0 no Hamburgo SV; na terceira, a derrota de 3 a 1 para o Werter, de Bremen. Depois, a reabilitação diante do Schalke por 3 a 1, a vitória arrasadora de 3 a 1 sobre o Rapid, de Viena; 2 a 0 sobre o Anderlech, da Bélgica; um empate de 3 a 3 com o Eintreicht, resultado que se repetiu contra a seleção de Luxemburgo, para encerrar a excursão com uma vitória de 2 a 1 sobre o Stade Français. Quando a delegação chegou a Belo Horizonte, pela primeira vez o povo resolveu sair às ruas para comemorar a brilhante campanha e deixar marcado para sempre o título de "Campeão do Gelo". Pela primeira vez os atleticanos mostravam o seu grau de fanatismo.

A FASE RUIM

Em 1965, quando o Mineirão foi inaugurado, o Atlético começava a enfrentar uma das piores crises de sua história. Sem dinheiro para contratar grandes jogadores, muitas dívidas e, o que era pior, uma inferioridade incontestável diante do Cruzeiro, seu maior adversário.

Foi quando o presidente Nelson Campos resolveu mudar a linha de conduta do clube. Sem dinheiro para contratar grandes jogadores, a solução seria armar as equipes utilizando jogadores formados dentro do próprio clube. E começou a funcionar a "fábrica". Até então, o velho "Zé das Camisas", um humilde roupeiro dos juvenis e que dirigia a equipe do infantil, vinha revelando jogadores, num trabalho que a diretoria não reconhecia. Com a chegada de Barbatana para dirigir o time juvenil, aqueles meninos de futuro começaram a ser melhor observados e preparados. E os resultados começaram a aparecer com a revelação de Grapete, Vantuir, Vanderley, Humberto Ramos, Ronaldo, Lola, Lacy, Romeu e outros, que acabaram por conquistar o título nacional de 71. O entusiasmo tomou conta dos diretores e a política de renovação de jogadores e um atendimento total às equipes inferiores passou a ser o principal objetivo do clube.

Equipes de professores de educação física, de psicólogos, de orientadores educacionais e técnicos de futebol foram contratados. Hoje, o Atlético se dá ao luxo de ter em sua equipe apenas três jogadores que não foram revelados pelas divisões inferiores: Valdemir, Ziza e Serginho. Os outros começaram praticamente juntos há três ou quatro anos, formando uma equipe homogênea.

O FANATISMO LOUCO

O Atlético é um time de massa, clube do povo e,portanto, o responsável por um fanatismo até certo ponto exagerado diante de alguns fatos. Existem torcedores que vivem atualmente em função do clube. Julio Firmino, por exemplo, responsável por uma das charangas que acompanham o clube por toda a parte, diz que tem apenas duas paixões na vida: sua mãe e o Atlético. Dono de um supermercado no centro da cidade, onde o sócio do clube tem direito a um desconto, ele paga de seu bolso todas as despesas com músicos, ingressos, entre outras coisas. Não aceita qualquer tipo de ajuda do clube, porque diz fazer isso por amor. "Sempre", o mais folclórico torcedor em toda a história do clube, falecido em novembro do ano passado, morreu gastando o seu pequeno salário de funcionário público na compra de camisas pretas e brancas e nos gastos para acompanhar o time por onde quer que fosse. Assim como Júlio e "Sempre", no meio da massa existem dezenas de fanáticos, todos responsáveis pela euforia dessa torcida, capaz de derrubar técnicos, ídolos e dirigentes com a mesma rapidez com que os coloca no pedestal. Ainda detendo pelo menos 60 por cento da torcida mineira, o Atlético vê aumentar a cada dia o número de torcidas organizadas, verdadeiras empresas que são criadas com o único e exclusivo objetivo de não abandonar o clube um instante sequer, mesmo nas derrotas. E quase todas as 42 preferem usar o nome Galo para completar o seu nome.

Ao contrário do que se imagina, pois trata-se de um clube do povo, sua torcida é formada, na maioria, pela classe média e alta. Uma pesquisa feita recentemente pela administração do estádio Minas Gerais, mostrou que durante os jogos do time, as gerais do estádio ficaram praticamente vazias, o que não acontece quando joga o Cruzeiro. E as derrotas são esquecidas rapidamente. Na partida seguinte as arquibancadas ficam novamente lotadas, e ao som do grito de guerra de "Galo", promovem um autêntico carnaval no estadio e fora dele.

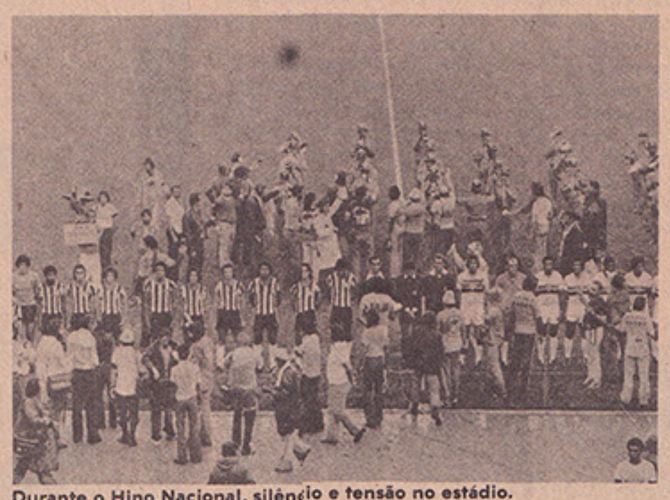
Apesar de tudo, o Atlético é um clube relativamente pobre, e só agora começa a colocar em dia a sua situação econômica. Isso, graças à política da diretoria de não inflacionar o seu elenco, pagando salários exorbitantes (apenas Cerezo, Reinaldo, Paulo Isidoro e Marcelo ganham mais de 30 mil cruzeiros mensais) e não gastando quantias fabulosas na contratação de jogadores, pois o grande potencial está na sua "fábrica", onde são revelados seus principais atletas. E só agora a diretoria começa a explorar o entusiasmo e o fanatismo de sua torcida. Recentemente lançou um plano de venda de carnês, quando 100 mil foram vendidos num espaço muito curto de tempo. E a cada dia o número de sócios, que até há pouco tempo não passava de 30 mil, hoje atingé o dobro e deverá chegar aos 100 mil brevemente, como revelam seus dirigentes.

Foi confiando no apoio de sua torcida que a diretoria resolveu construir a Vila Olímpica, para substituir o velho estádio Antônio Carlos, o qual foi obrigado a vender para a Prefeitura de Belo Horizonte na década de 60 para evitar a sua falência. Agora, o Atlético acaba de adquirir um novo imóvel, o Clube Labareda, às margens da Lagoa da Pampulha, onde pretende dar melhores condições de lazer aos seus associados. E, segundo o presidente Walmir Pereira, a grande meta agora é a construção de um estádio particular, "onde disputaremos nossas partidas amistosas e as oficiais contra equipes de menor expressão".

Getúlio erra. E o Mineirão delira. Márcio erra. E a cidade chora.

Em toda a cidade, a euforia antecipada nas bandeiras

Na entrada do time, orgulho da faixa: "O Galo Invencível".


Durante o Hino Nacional, silêncio e tensão no estádio.

O São Paulo, considerado apenas como um simples figurante.

O símbolo atleticano divertiu a torcida mineira

Na arquibancada, o inesperado apoio corintiano.

A alegria são-paulina, contraste com o Mineirão.

Os pênaltis, morte de uma festa, fim de um longo sonho.

Getúlio, mineiro, ex-jogador do Atlético, saiu lá do meio de campo, a passos lentos, porém firmes. Ajeitou a bola, olhou para o gol imenso à sua frente e ouviu uma vaia ensurdecedora. Bateu forte, o goleiro João Leite saltou, defendeu, o Mineirão parecia explodir.

O São Paulo, no chute de Getúlio, começou a perder o Campeonato Brasileiro, depois de 90 minutos de bom futebol, muita raça e gols perdidos. Depois ainda da prorrogação, de manter o adversário a distância, de fazer seus quase seis mil torcedores que invadiram Belo Horizonte acreditarem que a vitória viria bem antes do martírio dos pênaltis.

Confiante, saiu lá do meio de campo o mineiro Toninho Cerezo. Tranqüilo, apoiado por quase cem mil vozes, aos gritos de "Galo, Galo, Galo". Ele tocou suave na bola, que ganhou altura, passou acima da cabeça de Valdir, acima da trave, e fez o Mineirão silenciar.

Em questão de minutos, segundos, o São Paulo começou a ganhar e perder o Campeonato Brasileiro. Perdeu no chute de Chicão que João Leite defendeu — escorregou antes de cobrar — e no chute certeiro de Ziza, um jogador frio e calculista. Ganhou nas cobranças perfeitas de Perez, Antenor e Bezerra, chutes indefensáveis que o invicto João Leite, que diz ter Deus ao seu lado, não pôde defender.

Mas quem estivesse de frente para Joãozinho Paulista e Márcio, batedores de pênalti pelo Atlético, teria certeza de que eles iriam errar, nem o gol acertar. Nervosos, olhar assustado. E bem ali na frente o sorriso de Valdir Perez, que não fez uma única defesa, mas provocou os assustados jogadores do Atlético.

Porém, bem antes dos pênaltis e meia hora antes do jogo começar, o São Paulo iniciou sua vitória sobre o Atlético, graças a uma engenhosa estratégia de Rubens Minelli. Ele cansou de ouvir dizer que Reinaldo iria jogar. Então, fez com que acreditassem que Serginho também jogaria. Contra si, entretanto, tinha um fator fundamental: Reinaldo estava ali no Mineirão, dando entrevistas, sempre com um envelope na mão, supostamente o mandado de segurança para entrar em campo e dar a vitória ao Atlético, com muitos gols.

Eis que, vinte minutos antes dos times entrarem em campo, Serginho também chegou ao Mineirão. Apressado, com a sacola do material no ombro, direto para o vestiário, sem dar entrevistas ou explicações. E de propósito, através de uma fresta, os espiões do Atlético, os mesmos que ajudaram a divulgar que Reinaldo iria jogar, viram Serginho trocando de roupa, só de calção, pronto para o aquecimento.

Serginho não iria ajudar o São Paulo em campo e Reinaldo apenas assistiria o seu time impotente diante da zaga paulista. Mas o troco que os mineiros não esperavam acabava de ser dado. Com muitas sobras, pois se o vestiário do Atlético entrou em polvorosa, o do São Paulo, mostrava o oposto: todos riam, achavam graça da trama do líder Minelli, autor da engenhosa provocação.

E essa tranqüilidade foi levada para o campo. Até o momento em que os pênaltis foram desperdiçados e convertidos e o São Paulo chegou na frente. E Chicão, herói do jogo, levantou os braços, soluçando, gritando a Deus os seus agradecimentos:

— Obrigado, meu Deus, obrigado, eu sou campeão, eu sou campeão.

O Mineirão, que explodiu no gol de Ziza, gritou o nome de João Leite após a defesa no chute de Getúlio e depois no erro de Chicão, estava silencioso. Como se os festivos momentos em que a vitória foi comemorada — antes de o jogo começar — tivessem perdido todo o encanto.

Até invadir o Mineirão, o atleticano viveu uma longa noite de euforia. Uma noite de preparação intensa, onde o grito de "Galo" fluiu apaixonado, contagiante. No prostíbulo da Zezé, no bairro classe média de Santa Tereza, pertinho do centro, ou bem no coração da cidade, nos bares, casas de samba, botequins de esquina, tudo parecia muito igual: Belo Horizonte vestido de Atlético, preto e branco, o título sendo comemorado por goleada antes mesmo de os times entrarem em campo.

Para viver a festa atleticana, ordeira como exige o mineiro, não se fez necessário sequer ir ao Mineirão. Em qualquer ponto da cidade, tinha-se a sensação de uma decisão, com bola correndo, fogos espoucando, os gritos de gol. Gols de Reinaldo, o rei mineiro.

— Ele vai jogar, isso vai. Mas, se não jogar, só a goleada pode ser prejudicada. Sem o rei, vai ser só de três.

Algumas horas antes de o Atlético entrar em campo, essa opinião era unânime. No mínimo de três, isso sem Reinaldo — um ídolo na boca do povo, que teria sido beneficiado por uma complicada manobra jurídica e, no "Canto do Galo", reduto dos jogadores atleticanos, se preparava para entrar em campo:

— Eu não sei de nada — dizia o rei mineiro às emissoras de rádio, fazendo plantão no "Canto do Galo". Mas estou pronto para jogar.

A esperança de ter Reinaldo empurrou o atleticano para a Pampulha. De ter goleada, então, nem se fala:

— Dois de frente eu dou. Sem o Reinaldo, com Reinaldo tem três de frente.

Contínuo de hotel, motorista de táxi, prostituta da Zezé, dançarina do Playboy, banqueiro. Bandeira do Atlético na mão, dando dois de frente, três até, o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, chegou na véspera especialmente para ver o "Galo" ganhar de quatro a zero, prognóstico que a televisão espalhou pelo Estado:

— Isso sem o Reinaldo — dizia o ministro, porém esperançoso de ver o rei em campo.

A caminho do Mineirão, todas as vias congestionadas de festa e bandeiras, o grito de "Galo" fluindo solto. Das seis da manhã em diante, a cidade não deixou ninguém dormir. Buzinas disparadas, corações agitados:

— Galooooo, Galoooo, Galooooooo.

As edições do dia esgotaram, as rádios falando exclusivamente da decisão. E um "Hino de Amor" em todas as páginas, em folhetos despencando das janelas: "Nós somos/do Atlético Mineiro/Jogamos com muita garra e amor/Galo forte vingador".

O galo de crista vermelha, ereta, no fundo as bandeiras brancas invadindo o Mineirão. A charanga tocando alto. A grande maioria uniformizada, como se fosse entrar em campo logo depois de João Leite, antes de Ziza. No meio, lá da geral, das cadeiras, das arquibancadas.

O São Paulo? Ora, o São Paulo veio a Minas só para ajudar na festa, também era a opinião da maioria. Ou alguém poderia imaginar um gol de Mirandinha, uma tática qualquer de Minelli que pudesse enterrar os gritos fartos de gol dos atleticanos no Campeonato inteiro? Mais de cinqüenta antes da decisão, três ou quatro mais a partir de ontem, quando o juiz apitasse o fim do jogo.

— Deixa eles, deixa. É bom fazer festa antes, depois do jogo eles vão chorar. Era a opinião de Chicão pouco antes do time entrar em campo.

Antes de ir para o Mineirão, aberto antes das 13 horas, os jogadores do São Paulo ficaram ausentes do clima de festa e euforia. Presos na Toca da Raposa, reduto do Cruzeiro, inimigo mortal dos atleticanos. Só Minelli, ainda assim a muito custo, aceitou conversar com os repórteres. Mesmo que para aumentar suas dúvidas e dizer que o time não estava escalado. Gostando da chuva fina e constante, que poderia prejudicar o futebol de toques rápidos e insinuantes de seu adversário. Mesmo não concordando com isso:

— A chuva só estraga o espetáculo, não ajuda ninguém.

Chuva ruim, imprevista para os mineiros, que faziam muitos cálculos. Recorde de renda, de público, de gols. O título conquistado em cima de um técnico bicampeão.

— Assim dá mais graça, muito mais — dizia o torcedor mineiro.

Os portões foram abertos, a torcida, ordeira e entusiasta, tomando os seus lugares. Todos os lugares. O tempo passando lento, sob chuva, a hora do jogo chegando. O grito de "Galoooo!" ficando cada vez mais forte:

— Galoooo, Galoooo...

O São Paulo chegou, tenso mas confiante como requer uma decisão de Campeonato Brasileiro.

— Foi tudo muito bem preparado. Todos frios e distantes até chegarmos a Minas. Depois, eles foram preparados para vencer. Antes de virmos para o Mineirão, todos ficaram como se já estivessem dentro de campo, para ganhar, só para ganhar — eram as explicações de João Paulo Medina, o preparador físico do São Paulo.

A bola começou a rolar, o grito de "Galo" ficou ensurdecedor. Grito de guerra, fluindo, apaixonado.

A bola rolando, o título sendo disputado palmo a palmo, sem o rei e sem o condenado. Sem Reinaldo e sem Serginho. Por culpa do São Paulo, garantiram os mineiros:

— Eles não trouxeram o Serginho com medo do efeito suspensivo, com medo de deixarem o Reinaldo jogar.

Dando dois de frente, três até, o Atlético corria atrás do título, um título que o São Paulo também queria para si mas que o Atlético comemorou toda a noite, toda a manhã e tarde. O título que sonhou e estava sendo disputado ali, com a bola correndo...

Quando a bola parou, o Atlético já não era o campeão brasileiro de 1977. O campeão era o São Paulo. E o Mineirão não estava sendo reinaugurado nesse domingo chuvoso, como afirmavam os torcedores do Atlético:

— Campeões, somos campeões! — gritava Hélio Silva, chefe de uma das torcidas do São Paulo, rouco, chorando.

Hélio, o torcedor, chorava de alegria. Quase ao mesmo tempo, às pressas deixavam o Mineirão o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, e o governador do Estado, Aureliano Chaves, futuro vice-presidente da República. Ambos torcedores do Atlético, otimistas até mesmo no intervalo. Alysson, bem mais comedido que antes do jogo, quando previra uma goleada de 4 a 0.

— Quatro a zero vai ser difícil, mas dois a zero acho que ainda dá — era seu prognóstico menos ufanista.

O final da festa atleticana, início das comemorações são paulinas, coincidiu com a noite e o estádio em silêncio, milhares de torcedores sem forças para deixar a Pampulha e ganhar as ruas mortas da cidade. Ruas que tiveram um dia de festa, de título comemorado por atecipação, como se o São Paulo nem existisse:

— Eu sabia que iríamos ganhar, eu sabia — gritava Chicão entre soluços. — Eu estava com esse título preso na garganta há muito tempo, já cansei de ficar em segundo lugar. Agora, vou ser campeão da Libertadores, depois do mundo.

A torcida são-paulina gritava, soltava fogos. Dario Pereira foi quem sugeriu uma volta olímpica: chamou Chicão, Valdir Perez, Tecão. Foram todos acenar para a torcida ao alto, minoria, é verdade, porém campeã brasileira. E Dario atribuía a Minelli o título ganho:

— Este homem sabe muito. Cada um entrou em campo sabendo o que iria fazer, com tudo na cabeça para que o Atlético não fizesse nada em campo. Foi isso, eles nunca iriam ganhar do São Paulo.

Talvez o jogador do São Paulo mais feliz, sem forças para comemorar, nem reconhecido pela maioria dos que invadiram o campo ou faziam entrevistas, era Perez. Juvenil ainda, autor do gol de pênalti que deu o empate ao São Paulo, abriu o caminho para a reação e o título:

— Nem sei o que dizer. Estou muito feliz e não sei nem como explicar ter entrado em campo sem ficar nervoso. Acho que todo mundo esperava o Atlético campeão e nada do São Paulo, talvez fosse isso.

Valmir Pereira, presidente do Atlético, inconformado, só sabia lamentar a campanha tão brilhante terminar em nada:

— Vou sugerir a mudança do regulamento. Quem tiver mais pontos ganhos deve ser o campeão. Ou então dois, até três jogos, nada de cobrança de pênaltis.

Como se fosse um monstruoso funeral, os milhares de atleticanos foram abandonando o Mineirão. Humilhados pela torcida do Cruzeiro, que do alto das pontes e nos cruzamentos gritavam "São Paulo, São Paulo". "Galo", o grito de guerra dos mineiros, das dezenas de crianças que invadiram o campo antes de o jogo começar, dos botequins, das ruas e avenidas que não deixaram a cidade dormir de sábado para domingo, tinha silenciado. O grito era de dor, lágrimas pela derrota que em Minas ninguem ousava admitir.

Um campeão de verdade, em 120 minutos.

A vitória só veio nos pênaltis. Mas o título já havia sido conquistado no jogo e na prorrogação, graças ao esforço heróico de um time ajustado e inspirado pela vontade de ser campeão.

O Atlético Mineiro foi o campeão até entrar em campo para a finalíssima do Campeonato Brasileiro: daí em diante, em heroícos 120 minutos, o título foi conquistado pelo São Paulo. Pouco importa que, apenas os pênaltis é que decidiram o Campeonato pois, afinal, para chegar a eles o novo campeão brasileiro teve que mostrar um conjunto de qualidades que distinguem um adversário de outro e que servem para separar — ainda que os critérios sempre sejam falhos — o vencedor do derrotado.

O São Paulo que empatou sem gols ontem à tarde no Mineirão, vencendo por 3 a 2 nos pênaltis, teve um dos raros instantes de inspiração ajustando e combinando algumas atuações individuais insuperáveis — onde a de Chicão foi acima de todas — com um esquema de jogo muito bem montado.

Ao contrário do que a maioria supunha, o São Paulo não recuou até a sua intermediária para esperar o Atlético: fazendo uma marcação de meia pressão, onde apenas os zagueiros Márcio e Vantuir sobravam — seu setor de meio-campo dividiu o time do adversário em dois blocos definidos — e incomunicáveis.

Enquanto isso Toninho Cerezo, Ângelo e Marcelo tratavam de cruzar-se no meio de campo, tentando escapar da marcação quase pegajosa dos adversários. O Atlético nem podia sair jogando de suas últimas linhas e, para fazer o lançamento longo, que seria inútil diante de uma defesa que jogava com Bezerra de Líbero, seus laterais, única opção válida para contornar a verdadeira barreira que o São Paulo instalou no seu campo — não se arriscavam a deixar Zé Sérgio e Viana livres para o contra-ataque.

E, se Mirandinha não estivesse tão fora de ritmo, muito provavelmente, o São Paulo nem precisaria da prorrogação e dos pênaltis para ganhar o título.

Além disso, o Atlético, seduzido pela atmosfera de vitória que se criou na cidade durante a semana inteira, acreditou demais que a sua suposta superioridade individual e o seu passado neste Campeonato, fossem suficientes para lhe trazer o título, sem esforço.

O São Paulo, perdedor antecipado da partida pelo seu passado não muito recomendável no Campeonato — se, comparado, evidentemente, com o do adversário — acabou desmistificando o Atlético e provando que ele não era tão invencível assim, como se dizia.

Em primeiro lugar, seu time — mais experiente — em momento algum (ao contrário do que aconteceu nas partidas com o Grêmio e Botafogo) admitiu a superioridade do adversário.

Em segundo lugar, em vez de um jogo sem ambições, de fechar a sua área com oito jogadores e depender das aventuras de Mirandinha em esparsos contra-ataques, o São Paulo tratou de manter o adversário longe de sua área.

No segundo tempo, os jogadores voltaram para o campo com a mesma mentalidade, corrigindo — também — um dos poucos defeitos que havia mostrado. Em vez de concentrar o seu jogo sobre Valdemir, Antenor, apoiado por Teodoro ou Dario, penetrava pela esquerda, e com Viana, tratava de distribuir melhor um ataque que só fez penetrações pelo lado oposto durante o primeiro tempo.

O Atlético só mostrou algum alento a partir da entrada de Paulo Isidoro que, movimentando-se pelas duas laterais, abriu espaços para as penetrações, com a bola, de Cerezo e Ângelo.

Ainda o São Paulo já desgastado passou a recuar excessivamente o seu meio-campo, deixando os adversários receberem e dominarem a bola.

O Atlético, mantendo Ziza aberto na esquerda e Joãozinho Paulista na direita, criou um espaço que Valdemir aproveitava, atacando com a bola. Foi assim que Paulo Isidoro viu um chute seu, aos 19 minutos, ser defendido por Valdir Perez.

Minelli ordenou a entrada de Perez e aceitou o domínio do adversário, até que, aos 42 minutos, para criar uma nova alternativa de ataque, colocou Neca no lugar de Viana.

Ainda na prorrogação, o São Paulo foi à frente e, com Mirandinha e Zé Sérgio bem abertos, procurou criar jogadas de ataque, com o recuo de Neca, que devia lançar aqueles dois atacantes — um truque que não deu certo.

Mas o desgaste levou os dois times a proporem o empate, aceitando a decisão por pênaltis. E, nela, destacou-se um pequeno herói: o esquecido Perez, que, apesar de seu time estar perdendo por 1 a 0, teve o sangue frio necessário para empatar e dar novo ânimo aos companheiros. Perez, afinal, tornava-se somente mais um herói de um time que não poderia mesmo perder. E Valdir Perez, Bezerra, Tecão, Chicão e Dario Pereira, fizeram a ruidosa torcida do Atlético assistir em silêncio o fracasso de seu time. Em 120 minutos o São Paulo havia sido um digno campeão.

Sérgio Baklanos

Neste lance, quase gol de Viana.

Atlético: João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Cerezo, Ângelo e Marcelo (Paulo Isodoro); Serginho, Caio (Joãozinho Paulista) e Ziza. **Técnico**: Barbatana. **São Paulo**: Valdir Perez, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Dario Pereira; Viana (Neca), Mirandinha e Zé Sérgio. **Técnico**: Rubens Minelli. **Juiz**: Arnaldo César Coelho. **Renda**: Cr$ 6.857.080,00. **Público**: 102.964 pagantes. **Gols**: Peres, Antenor e Bezerra, para o São Paulo, e Ziza e Alves, para o Atlético.

Atuações

Atlético

João Leite — Uma atuação maravilhosa. Apesar da pouca idade, foi consciente, seguro e tranqüilo. Muito firme e com ótima impulsão, defendeu dois pênaltis, demonstrando ótimo reflexo. Perfeito. Nota 10.

Alves — Saiu pouco para o ataque, no primeiro tempo. Depois, apesar do cansaço de Zé Sérgio, levou alguma desvantagem, mas mostrou boa recuperação e firmeza na marcação. 6.

Márcio — Teve algumas de suas deficiências, atenuadas pela má atuação de Mirandinha. Assim, não cometeu falhas graves, embora deixasse claro que, bem explorado, jogaria bem menos. 6.

Vantuir — Teve de corrigir os erros do lateral, que era ultrapassado facilmente no primeiro tempo. Cometeu também algumas faltas desnecessárias, mas, não comprometeu. 7.

Valdemir — Muito mal no primeiro tempo e, mesmo quando não estava marcado, perdia as disputas com Zé Sérgio. No segundo tempo, passou a apoiar e subiu de produção. Mas, sem atingir um nível elevado. 5.

Cerezo — Completamente despersonalizado até a entrada de Paulo Isidoro. Depois, passou a deslocar-se com eficiência, se bem que não participou das jogadas de área. Na média geral ficou com 6.

Ângelo — como Cerezo, melhorou muito a partir dos 20 minutos do segundo tempo. Antes disso, não teve forças para vencer o duelo com seu marcador. Saiu antes do final, machucado por Neca. 6.

Marcelo — Embora tentasse algumas deslocações e penetrações, acabava deixando a bola no segundo ou terceiro adversário que enfrentava. Nota 5. **Paulo Isidoro** mudou o jogo e ficou com 8.

Serginho — Uma ou outra iniciativa no primeiro tempo, sem resolver. Depois foi cercado e neutralizado, tornado-se inútil na ponta-direita. O ataque sentiu a sua falta. 4.

Caio Cambalhota — Não se deslocou, não driblou e não chutou. Abandonado pelo meio-campo não mostrou recursos para mudar a situação. 1.

Joãozinho Paulista — muito pesado e fora de forma, pouco conseguiu. 2.

Ziza — isolado e cercado na ponta, não teve seus cruzamentos aproveitados, no primeiro tempo. Mais tarde, melhorou e, de suas iniciativas, saíram as únicas jogadas de gol do ataque. Nota 7.

São Paulo

Valdir Perez — Um goleiro de reflexos perfeitos, que cometeu apenas dois pequenos erros durante toda a partida, devolvendo mal com os punhos os cruzamentos. Mas no restante, esteve impecável. Nota. 9.

Getúlio — Fez um ótimo primeiro tempo, quando mostrou muita rapidez em sair para o ataque e precisão em concluir as jogadas nos flancos. Do segundo tempo em diante perdeu algumas disputas pessoais. 6.

Tecão — Uma grande surpresa. Também, com Caio e Joãozinho para marcar e até recebendo a bola em más condições, o zagueiro esteve muito firme na destruição e bastante rápido nas antecipações. 8.

Antenor — Levou alguma desvantagem no início na marcação de Serginho, mas fez bons passes e lançamentos. No segundo tempo, avançou e subiu de rendimento. Mas o time não precisou muito dele. 6.

Chicão — Foi a maior atuação individual de todo o Campeonato. Mostrou todas as qualidades que se exigem para a posição e sua presença foi desmoralizante para o adversário. Perfeito. 10.

Teodoro — Bem ofensivo no primeiro tempo, descuidou-se um pouco da marcação, defeito que corrigiu com faltas para desarmar o adversário. 6.

Peres — Taticamente teve muita importância. 7.

Dario Pereira — Um primeiro tempo perfeito. Atacou com velocidade e desequilibrou o setor. Depois, mesmo cansado, ainda ajudou a bloquear o seu setor. Fez o suficiente para nota 8.

Viana — no primeiro tempo foi sacrificado, pois o jogo se concentrava no lado oposto. Depois teve bastante utilidade. 7.

Neca — Não conseguiu criar uma só jogada de ataque durante 32 minutos. E ainda foi violento.

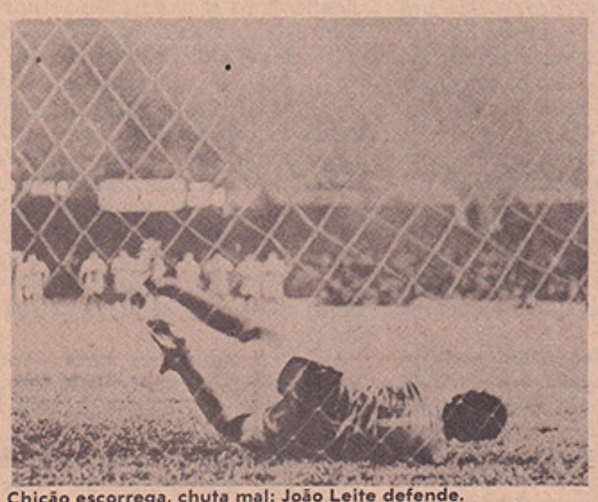
Mirandinha — Recebendo a bola em más condições teve que driblar para avançar, e acabou dominado pelos zagueiros. Sua velocidade também não preocupou a defesa. Desta vez, mal. 4.

Zé Sérgio — Uma produção um tanto irregular. Eficiente no primeiro tempo, esforçado no segundo e cansando na prorrogação. Mas teve também a sua utilidade e esforço. Bastante aceitável. 7.

A DEC

A CAM

Para chegar a campeão brasileiro, o São Paulo teve a seguinte campanha: na fase de classificação, ganhou de 1 a 0 do Náutico, de 2 a 0 do Botafogo da Paraíba, empatou sem gols com o CSA e de 1 a 1 com o XV de Novembro de Piracicaba. Depois perdeu por 2 a 0 para o Palmeiras, ganhou de 1 a 0 do Santa Cruz, de 3 a 0 do Treze de Campina Grande, de 2 a 0 do Sport e de 4 a 0 do Brasil. Nas semifinais, o São Paulo perdeu de

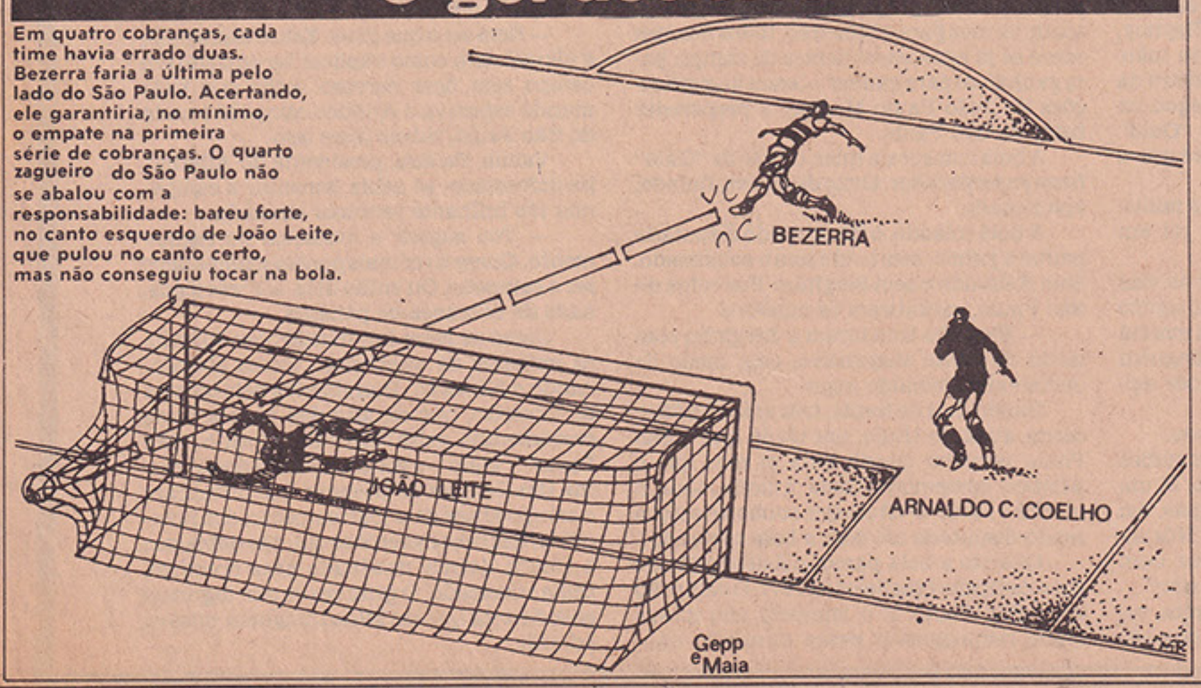


Chicão escorrega, chuta mal: João Leite defende.

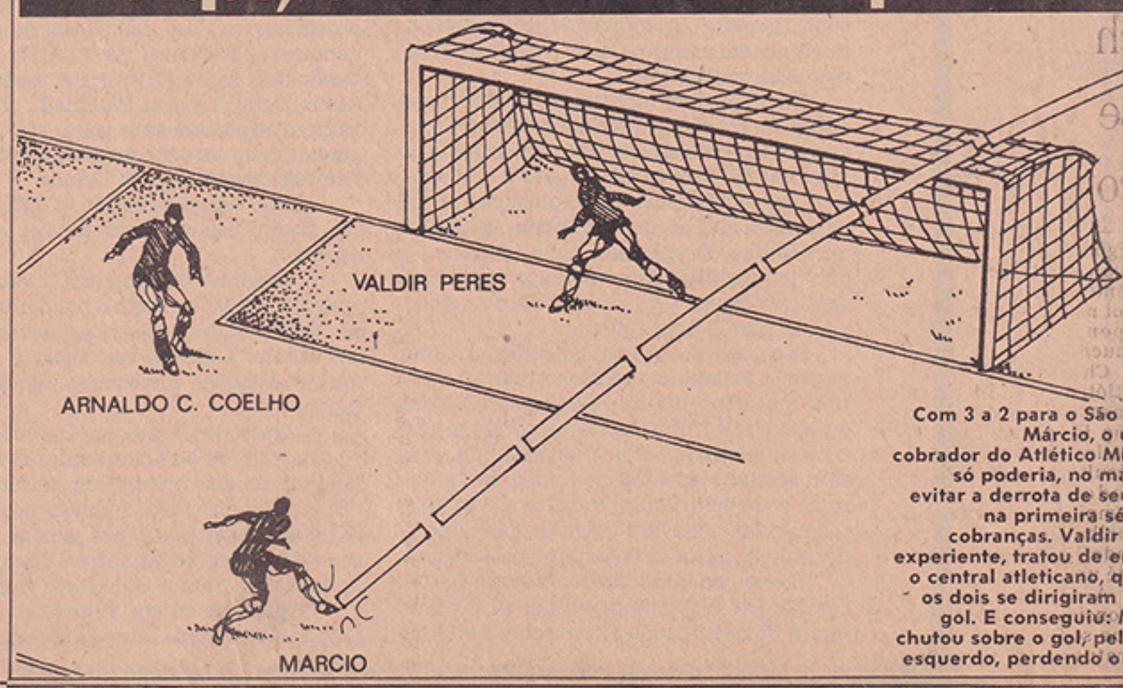
O último pênalti: Mário chuta por cima.

O gol decisivo

Em quatro cobranças, cada time havia errado duas. Bezerra faria a última pelo lado do São Paulo. Acertando, ele garantiria, no mínimo, o empate na primeira série de cobranças. O quarto zagueiro do São Paulo não se abalou com a responsabilidade: bateu forte, no canto esquerdo de João Leite, que pulou no canto certo, mas não conseguiu tocar na bola.



Aqui, o São Paulo campeão.



Com 3 a 2 para o São Paulo, Márcio, o último cobrador do Atlético Mineiro, só poderia, no máximo, evitar a derrota de seu time na primeira série de cobranças. Valdir Perez, experiente, tratou de enervar o central atleticano, quando os dois se dirigiram para o gol. E conseguiu: Márcio chutou sobre o gol, pelo lado esquerdo, perdendo o título.

CISÃO

CAMPEONATO BRASILEIRO

IPANHA

2 a 0 para o Corintians, ganhou do Brasília por 5 a 0, venceu o Internacional por 4 a 1 e empatou de 0 a 0 com o América carioca. Na fase final, venceu o XV de Novembro por 4 a 2, a Ponte Preta por 3 a 1, perdeu do Botafogo (RP) por 1 a 0, ganhou do Sport por 4 a 3, do Grêmio por 3 a 1. E nas finalíssimas, ganhou de 3 a 0 do Operário, dele perdendo por 1 a 0. Na decisão, empatou de 0 a 0, mas venceu nos pênaltis. Fez 21 jogos, venceu 13, empatou 4 e perdeu 4. Marcou 40 gols e sofreu 15. Seu artilheiro foi Serginho: 18 gols.

No Mineirão, os jogadores do São Paulo começam a festa que muitos julgaram impossível.

As emoções de Minelli, o tricampeão.

Esteve a ponto de ter um ataque, teve momentos de bom humor e, nervoso, chegou a esquecer de comandar seu time. Então, cerrou os punhos e chorou. Ele era o vencedor.

Por um instante (não mais do que cinco segundos), ele fechou os olhos, abaixou a cabeça e cerrou os punhos. Rígido, parecia nem acreditar direito no que tinha visto — o jogador Márcio, do Atlético, errar o ultimo pênalti — e as pessoas à sua volta também pararam por um momento. Então, os punhos foram erguidos, ele colocou-se de pé, esqueceu que estava numa cabine de rádio e a voz começou a sair, aos berros. Pela quarta vez, Rubens Minelli era campeão brasileiro.

— Campeão! Campeão! Campeão!

Foi imediatamente abraçado por vários radialistas de São Paulo e voltou a ficar calado. Poucos minutos antes, extremamente nervoso, com o suor escorrendo pelo rosto (apesar do vento frio que soprava bem contra a cabine onde se encontrava), ele viu Márcio chutar o último pênalti. Minelli ainda teve um instante de equilíbrio para dar, rapidamente, algumas declarações aos repórteres de rádio que o cercavam, no corredor da tribuna de Imprensa. Mas esse equilíbrio não durou mais que cinco minutos: o técnico campeão começou a chorar.

Os olhos vermelhos, úmidos, as mãos trêmulas, a fala cada vez mais rouca e embargada de emoção, ele só sabia agradecer, a tudo e a todos. A emoção foi, aos poucos, aumentando em meio a tantos abraços. Mesmo assim, ele teve a paciência necessária para ir às cabines de todas as emissoras paulistas de rádio e televisão para dar entrevistas .

— A decisão da partida estava no meio campo. Bloqueando este setor, venceríamos o jogo. Foi o que aconteceu: o São Paulo teve oportunidade para decidir a partida no tempo normal e também durante a prorrogação. Não vencemos nos pênaltis: vencemos no campo.

Mas ele só pôde extravasar toda sua alegria quando, quase uma hora depois do jogo, dirigiu-se aos vestiários do São Paulo. Pelos corredores dos amplos vestiários do Mineirão ele foi carregado por torcedores amigos.

Nesse instante, o técnico campeão voltou a chorar.

Ficou mais emocionado ainda quando entrou nos vestiários do São Paulo tomado pelo delírio dos jogadores. Abraçou primeiro a Neca e depois, chorando mais forte, a Mário Giuliato e ao professor Medina. O abraço mais demorado, no entanto, reservou para o melhor jogador em campo:

— Obrigado Chicão, obrigado Chicão — Minelli falava, abraçado ao jogador, passando a mão sobre os seus cabelos.

E quando disseram que deveria receber a taça, Minelli gritou para os amigos:

— Não precisa de taça, deixa ela aí. Ganhamos no campo — e ria muito, enquanto os seus olhos iam ficando cada vez mais úmidos.

Antes de toda essa efusiva comemoração, porém, Minelli sofreu muito. Sentiu o jogo como ninguém, como se a vitória ou a derrota significasse a vida ou a morte da sua carreira, do seu sistema de trabalho, da sua filosofia de jogo, das suas idéias, de tudo.

Ele começou a sofrer, talvez com a entrada de seu time em campo, talvez no dia anterior quando ainda escondia a escalação de todos os repórteres, talvez por boa parte de toda a semana que passou. Quando terminou o jogo contra o Operário, na quarta-feira, estava cheio de problemas. Ao chegar a Belo Horizonte, sábado à tarde, não tinha conseguido resolver nada. Assim que o time entrou num Mineirão cheio de atleticanos, debaixo de chuva e um pouco de frio, foi até agressivo.

— Esses imbecis não se aquecem. Está chovendo e eles estão parados. Não é possível meu Deus. E meus auxiliares não fazem nada.

Um desabafo até normal para quem seria o principal personagem da decisão. Nem mesmo a segurança com que o São Paulo se conduziu em campo nos primeiros minutos do jogo deixou Minelli tranqüilo.

A cada ataque perigoso do seu time, ou do Atlético, ele chutava o chão com violência, levantando-se da cadeira, e esfregando as mãos no rosto. Nesses momentos, nem mantinha comunicação com Giuliato, no banco de reservas, pelo aparelho de rádio.

Aos 17 minutos do primeiro tempo o São Paulo quase marca, mas Mirandinha demorou para chutar.

— Se o Serginho estivesse em campo, já estaríamos vencendo — dizia ele, nervoso.

Aos 21', o São Paulo respondeu com uma grande jogada: avançou pela direita e houve um bom cruzamento para a pequena área. Viana subiu e cabeceou no canto, obrigando João Leite a fazer uma grande defesa:

— Esse menino é ótimo. Faltou sorte para fazer esse gol.

Nos últimos minutos do primeiro tempo, Minelli lamentava o relaxamento da marcação de Dario Pereira sobre Toninho Cerezo. Estava certo porque, em campo, o Atlético terminou pressionando exatamente com jogadas organizadas por Cerezo.

Depois das instruções no intervalo, voltou para a cabine da rádio Bandeirantes um pouco mais confiante do que antes do início do jogo:

— Estamos jogando certinho. Se continuar assim, sem falhas na marcação do meio campo, o Atlético não vai saber o que fazer.

Minelli voltava a acertar: o São Paulo marcava bem. Principalmente o ponta esquerda Viana, que o técnico insistia em elogiar:

— Como está bem este moleque. Como está bem...

Só estava cada vez mais preocupado com a falta de ritmo de Teodoro, que não conseguia mais acompanhar Cerezo ou Ângelo. Por isso preferiu logo colocar Perez. E ficou satisfeito com as primeiras jogadas de Perez:

— Esse menino é valente, tem moral.

No final do segundo tempo, um dos momentos de maior nervosismo, ficou triste por ter de tirar Perez de campo.

— É uma pena. O menino sabe jogar mas está cansado, não aguenta mais. Pediu para sair e vou colocar o Neca.

Lá embaixo, no banco de reservas, um jogador ainda estava um pouco aborrecido com o chefe. No dia anterior, num canto do saguão do aeroporto da Pampulha, Neca estivera muito irritado por ter de ficar fora do time logo no jogo final. A seu favor, dizia ter lutado o ano inteiro e que, por ser um jogador aplicado, tinha o direito de estar no time, observado por milhares de pessoas por todo o País.

Minelli: sofrendo por 120 minutos.

— Uma injustiça! Uma injustiça! — tinha gritado Neca, no dia anterior.

Mais uma vez o técnico estava certo. Se Neca tivesse entrado no começo do jogo e jogado o que jogou nos minutos finais, certamente a partida teria sido muito mais difícil para São Paulo. Mesmo com Neca em campo para a prorrogação, porém, ele estava confiante no título.

Quanto mais nervoso ficava, mais a confiança de Minelli aumentava.

Foi ao vestiário, voltou para a cabine de rádio com um grande sorriso no rosto e um excelente bom humor.

— Só dei uma instrução: marcar um gol.

Aos repórteres explicava que seu time era muito bem dotado, fisicamente. Um time muito forte que, segundo ele, poderia muito bem suportar o mesmo ritmo de jogo durante todos os 30 minutos da prorrogação.

Então, já havia decidido alternar a marcação em cima de Paulo Isidoro entre Chicão e Perez. O que não estivesse marcando, pegava o jogador Ângelo. E Dario Pereyra, embora cansado, continuaria marcando Toninho Cerezo. Já estava convencido de que, se houvesse um pouquinho mais de sorte, o São Paulo já teria vencido a partida.

Mas a prorrogação começou e o gol que Minelli queria não saiu. Parecia um alucinado. Abandonou a escuta e o microfone do canal que o comunicava com o assessor Mário Giuliato e começou a dar instruções para si mesmo, em voz baixa, com medo. Estava quase a ponto de ter um colapso.

— Chicão, meu amigo Chicão, não perca essa bola!

— Vai em cima dele, Perez. Vai em cima, pelo amor de Deus!

— Não inventa, Getúlio, não inventa!

— Vai menino Zé Sérgio, força, menino! Vai Zé Sérgio!

— Assim, Bezerra, assim. Você é um colosso, um colosso!

Com o fim da prorrogação, Minelli calou-se. Iria começar a assistir as cobranças de pênaltis com os olhos arregalados e o coração disparado. Todos que o acompanhavam, na cabine de rádio, até temiam pela saúde do treinador. Parecia que, a qualquer momento, ele iria cair no chão, fulminado por um ataque.

Mas, no chute errado de Márcio, ele explodiu. Uma explosão de quem soube levar, com energia e inteligência, as suas idéias. A explosão de quem viu o jogo com impressionante clareza e soube neutralizar todas as chances de um grande time como o Atlético. Só que, dessa vez, esse técnico, considerado prepotente por todo conhecimento que tem, não deixou de ficar emocionado.

Aos jogadores, agradeceu e deu-lhes o maior crédito por essa vitória, por terem cumprido fielmente tudo o que ele próprio havia determinado. À diretoria, deu parte dos méritos, por ter atendido todos os seus pedidos. A Comissão Técnica, deixou uma grande gratidão, pelo trabalho durante o Campeonato Brasileiro.

No fim de tudo, o choro, livre, emocionado, feliz. O choro de quem tinha conquistado mais um título.

O Atlético chora. E se volta contra Neca.

— Esse jogador é indigno de vestir a camisa de qualquer clube. É um indecente, um sujo, um imundo. Foi no Ângelo, e sem bola, apenas mesmo para machucá-lo.

Chorando, o médico do Atlético Mineiro, Neylor Lasmar, xingava Neca, do São Paulo, acusando-o de deslealdade no lance que resultou na contusão do jogador Ângelo. Ele teve rompidos os ligamentos do joelho direito, vai ser operado hoje e poderá ficar até um ano sem jogar.

A contusão de Ângelo (considerada mais séria do que se houvesse sido uma fratura) foi um motivo a mais para que todos os jogadores e alguns dirigentes do Atlético tivessem mais uma crise de choro nos vestiários, logo depois da decisão por pênaltis. Quando eles entraram, Ângelo estava prostrado, ainda na maca com que fora retirado de campo. Juntaram-se todos ao seu redor e, abraçados, romperam num choro entrecortado por soluços.

Só depois que a maca foi retirada do vestiário com o jogador, conduzido ao hospital numa ambulância, foi que seus companheiros se animaram a falar alguma coisa. Mesmo então, os próprios jornalistas se mostravam constrangidos. Quase não se animavam a perguntar.

O mais desolado era o goleiro João Leite. Ele não se conformava com a derrota após ter agarrado dois pênaltis. Chorando, ele era consolado pelos colegas e foi quem recebeu mais atenção do governador Aureliano Chaves e do jogador Dario, que ficaram bastante tempo no vestiário. João Leite refletia a condição do Atlético — um time de jovens ainda inexperientes em competições decisivas — e Ziza, praticamente o único que mantinha certa tranqüilidade, lhe dirigia palavras de apoio:

— João, você sabe, nosso time é um time ainda de meninos de 20, 21 anos. É natural que a gente perca uma decisão como essa.

Entre a maioria dos jogadores e diretores, no entanto, o que havia era muita revolta com o fato de o Campeonato ter sido decidido por pênaltis. E todos alegaram que nessa situação o que prevalece é a sorte: na disputa por pênaltis até a Seleção pode perder para um time da Segunda Divisão, dizia Tite, o diretor de futebol, enquanto Márcio, Cerezzo e Joãozinho Paulista falavam quase a mesma coisa sobre os pênaltis que perderam:

— Pênalti é sorte. Se o Ziza fosse o primeiro a bater, como muita gente está falando, ele também poderia errar, disse Cerezzo, confortado pelo técnico Barbatana, a seu lado. É isso mesmo, não houve nervosismo, nem nada, não tivemos foi sorte.

As entrevistas continuavam e o médico Neylor Lasmar, a um canto, não se cansava de acusar Neca:

— Ele foi covarde, desleal, um assassino. Mostrou que não tem o menor respeito profissional pelo adversário. Deveria se envergonhar de sua atitude.

Agora o Atlético vai começar a se preparar para a Taça Libertadores. Hoje sua diretoria vai enviar à Confederação Sul-Americana de Futebol a relação de seus jogadores. E nela estarão os nomes de Jorge Campos, que a diretoria diz ter comprado por cinco milhões ao Bahia, e o do lateral-esquerdo Romero, que estava emprestado ao Bahia, cujo passe o Palmeiras vendeu por 1,5 milhão de cruzeiros. E a diretoria promete mais contratações, revelando que tem muito dinheiro em caixa.

Todos os elogios para o técnico

Todos os jogadores do São Paulo tinham a mesma opinião: Rubens Minelli foi o grande responsável pelo título. E, no meio de tanta euforia que tomou conta dos vestiários, todos tinham uma palavra de elogio ao técnico. Principalmente pelo esquema montado para a decisão.

Dario Pereira gritava desabafos ininteligíveis embaixo do chuveiro. E, depois, mais contido, dizia:

— Eu queria provar que posso ser útil. Esse título vai me ajudar. Cansei bastante mesmo, mas logo vou ficar em forma e jogar tudo o que posso.

Os jogadores atendiam com alegria os fanáticos torcedores que invadiram os vestiários para abraçá-los. Principalmente os da torcida organizada que choravam ao lado de alguns jogadores.

Nesse ambiente de total euforia, depois de um longo abraço em Rubens Minelli, o presidente Henri Aidar não desperdiçou a oportunidade de fazer um discurso:

— Vencemos na garra, na valentia. Esse é o São Paulo que honra as tradições do clube. A nossa garra passou por cima de todos os problemas que foram criados para que nós não ganhássemos esse título. Mais do que nunca, esse é um time de machos.

O extravagante goleiro Toinho — que no momento da decisão por pênaltis pegou uma meia, encheu de papel, deu as costas para o campo e ficou rodando-a em torno da sua cabeça, num estranho ritual — explicava sorridente como ajudou a vencer o Atlético:

— Nessa hora, vale tudo. E não deixei de fazer a minha fé. E ela foi tanta que acabamos vencendo.

Getúlio não conseguia vibrar com os outros jogadores. E recebeu até uma advertência do professor Medina, que não concordava com o que Getúlio dizia:

— Não fui bem. O problema é este. E ainda dei o azar de perder o pênalti.

Antenor, por sua vez, desabafava contra o seu ex-clube:

— Provei que não sou um atleta só para jogar em centro sem importância, como o Atlético disse quando me vendeu para o Nacional de Manaus.

O comedido professor João Paulo Medina advertia:

— Se perdêssemos nos pênaltis, dificilmente alguém valorizaria todo o nosso trabalho. Por isso, agora quero cumprimentar o preparador físico do Atlético, que fez um trabalho excelente, deixando os seus atletas em um nível acima dos nossos jogadores.

Valdir Perez, embora não tenha defendido nem um dos pênaltis cobrados pelos jogadores do Atlético Mineiro, era muito abraçado pelos torcedores que invadiram o vestiário do São Paulo. Sua atuação durante o jogo tinha sido excelente, e os torcedores reconheceram isso. Sobre o último pênalti da decisão, Valdir Perez afirmava que tinha toda certeza que Márcio não conseguiria marcar.

— Se eu falar isso agora, parece que estou querendo me aproveitar da infelicidade do jogador do Atlético. Mas, sinceramente, quando eu vi o Bezerra marcar, colocando o nosso time em vantagem, fui para o gol com muita confiança. Olhei firme para o Márcio e falei comigo mesmo: ele não vai marcar.

Os números do Campeonato

CLASSIFICAÇÃO

1°) **São Paulo** (Campeão), 40; 2°) Atlético, 50; 3°) Operário, 32; 4°) Londrina, 28. Os outros: 5°) Botafogo RJ, 37; 6°) Palmeiras, 34; 7°) Ponte Preta, 32; 8°) Flamengo RJ, 31; 9°) Corintians e Santa Cruz, 30; 11°) Vasco da Gama, 29; 12°) Internacional e Grêmio, 28; 14°) Bahia, 27; 15°) Remo, 15; 16°) América RN, Botafogo RP e Cruzeiro, 24; 19°) América RJ e Desportiva, 23; 21°) Sport, 21; 22°) Fluminense RJ e Santos, 20; 24°) Confiança, Guarani e XV de Novembro, 18; 27°) Ceará, Goitacás, Maringá, Portuguesa e Uberaba, 17; 32°) ABC, Caxias, Goiás, Volta Redonda, 16; 36°) Joinville, Vitória Bahia, 15; 38°) Juventude, River, Sampaio Correa e Vitória ES, 14; 42°) Atlético Paranaense, Avaí, Brasil, 13; 45°) América MG, Alagoano, Fast Clube, 12; 48°) Americano, Brasília, Coritiba, Náutico e Paissandu, 11; 53°) Fortaleza, 10; 54°) Nacional e Treze, 9; 56°) Flamengo PI, 8; 57°) Botafogo PB, Fluminense BA, Goiânia e Vila Nova, 7; 61°) Sergipe, 6; 62°) Dom Bosco, 5.

ARTILHEIROS

Reinaldo (Atlético Mineiro), 28; Serginho (São Paulo), 18; Nunes (Santa Cruz), 14; Jorge Mendonça (Palmeiras), 12; Fumanchu (Santa Cruz), Bira (Remo) e Brandão (Londrina), 11; Toninho (Palmeiras), Mendonça (Botafogo) e Zico (Flamengo), 10; André (Grêmio), Cabecinha (Sampaio Correa), Bill (Goiânia) e Mesquita (Remo), 9; Roberto César (Operário), Dirceu (Brasil), Aloísio (América RN), Nilson Dias (Botafogo RJ). Sócrates (Botafogo RP), 8; Gonçalves (Dom Bosco), Everaldo (Operário), Miltão (Sport), Geraldo (Corintians), Sima (River), Gil (Botafogo), Lincoln (Goiás), Roberto (Vasco), Carlos Alberto (Londrina), Freitas (Bahia), Revétria (Cruzeiro), Neca(São Paulo), Ziza (Atlético Mineiro), 7; Bebeto (Caxias), Valdomiro (Internacional), Oliveira (Ceará), Romeu (Corintians); Renato (Guarani), Dario (Ponte Preta), Julinho (Brasília), Ramon (Vasco), Jorge Campos (Bahia), Corinto (Desportiva), Cláudio Adão (Flamengo), Marinho (Fluminense RJ), Marcelo (Atlético Mineiro), Nelinho (Cruzeiro), Tadeu (Operário),6;

GOLEIROS

Iane (Fast Clube), 35; Sílvio (Treze) e Bartolomeu (Flamengo PI), 25; Bagatini (Caxias) e Raul (Cruzeiro), 23; Gilberto (Sport), Déo (Brasília) e Samueo (Desportiva), 22; Lulinha (Fortaleza), 21; Milano (Sergipe), 20; Jorge Vitório (Vila Nova), Gélson (Vitória BA), 19; Corbo (Grêmio), Raul Bosse (Joinville), Leão (Palmeiras), Paulo Figueiredo (River), Dorival (Sampaio Correa), Zé Maurício (América MG), 18; Miguel (Dom Bosco), Itamar (Nacional), 17; Marquinhos (Goiás), 16; Danilo (Avaí), Joel Mendes (Santa Cruz), Nascimento (Goiânia), Romeu (Cruzeiro), Hélio (Brasil), João Leite (Atlético Mineiro), 15. Zé Carlos, do Botafogo, foi o goleiro menos vazado do campeonato. Em 18 jogos sofreu apenas 8 gols. Tobias, em 12 partidas deixou passar 6 gols.

ATAQUES

Atlético Mineiro 53; São Paulo, 40; Londrina, Santa Cruz, Palmeiras, 33; Flamengo e Grêmio, 31; Botafogo e Cruzeiro, 30; Ponte Preta, 29; Botafogo RP e Operário, 28; Remo, Bahia, Sport e Vasco da Gama, 26; Corintians, 24; Fluminense RJ e América RN, 23; Fast Clube e Internacional, 22; Santos, Desportiva, Caxias, 21; Atlético Paranaense, América RJ, Goiás, 19; River, Guarani, 18; Paissandu, Volta Redonda e Confiança, 17. Coritiba, Goitacás, Brasil e Ceará, 16; Joinville, Sampaio Correa, Náutico e Uberaba, 15; ABC, Goiânia, Dom Bosco, Vitória BA, Maringá, Avaí, Portuguesa, 14; América MG, Vitória ES, 13; Joinville, XV de Novembro, Fortaleza, Alagoano, Sergipe, 12; Vila Nova, 11; Brasília, 10; Nacional, Treze, Botafogo PB, 9; Americano, Flamengo PI, 8; Fluminense BA, 6.

Mirandinha voltou ao futebol neste Campeonato: quatro partidas, dois gols.

João Leite, goleiro revelação. Levou quinze gols.

O Atlético foi campeão de renda e de público

DEFESAS

Corintians, 7; Botafogo RJ, 8; Guarani, Internacional, Fluminense RJ e Vasco da Gama, 10; Juventude, Uberaba e Flamengo RJ, 11; Portuguesa, Bahia, Ponte Preta, 12; XV de Novembro, Goitacás Maringá, 13; ABC, 14; Santa Cruz, São Paulo, Ceará, 15; Volta Redonda, Náutico, Operário, Alagoano, Atlético Mineiro, 16; Goiás, 17; Joinville, Palmeiras, Avaí, Grêmio, América MG, Remo, 18; Confiança, América RJ, 19; Vila Nova, Sampaio Correa, Vitória BA, 20; Fluminense BA, Fortaleza, Atlético Paranaense, Botafogo RP, 21; Botafogo PB, Nacional, Brasil, Santos, 22; Coritiba, 23; Sport, Americano, 24; Flamengo PI, 25; Caxias, 26; América RN, Paissandu, Sergipe, Brasília, Cruzeiro, 27; Treze, Londrina, 28; River, Goiânia, 29; Vitória ES, 30; Dom Bosco, 32; Desportiva, 33; Fast Clube, 41.

PÚBLICO PAGANTE

Atlético Mineiro: 916.882; São Paulo: 692.570; Corintians: 685.777; Flamengo: 639.304; Bahia: 588.874; Cruzeiro: 570.933; Palmeiras: 517.138; Vasco da Gama: 505.445; Botafogo RJ: 495.040; Grêmio: 491.823; Santos: 485.556; Londrina: 468.400; Santa Cruz: 422.380; Operário: 407.242; Ponte Preta: 377.655; Internacional: 324.947; Remo: 307.231; América RJ: 293.822; Fluminense RJ: 287.951; Botafogo RP: 262.776; América RN: 262.592; ABC: 237.482; Maringá: 221.153; XV de Novembro: 211.106; Portuguesa: 210.213; Joinville: 207.336; Caxias: 206.716; Fast: 202.240; CSA: 199.221; Vila Nova: 187.519; Sport: 187.079; Confiança: 185.767; Guarani: 178.627; Goiás: 176.191; Ceará: 174.071; River: 171.948; Vitória BA: 160.730; Brasil: 151.604; Flamengo PI: 149.845; Dom Bosco: 147.025; Desportiva: 143.879; Fortaleza: 141.136; Nacional: 140.185; Sampaio Correa: 139.938; Brasília: 139.237; Goitacás: 136.445; Botafogo PB: 134.954; América MG: 130.753; Uberaba: 128.272; Sergipe: 122.832; Treze: 122.172; Fluminense BA: 120.988; Paissandu: 113.168; Goiânia: 108.590; Náutico: 107.498; Coritiba: 102.878; Juventude: 99.528; Avaí: 97.01; Atlético PR: 89.890; Americano: 84.146; Vitória ES: 77.065; Volta Redonda: 75.692. Total geral: 8.043.840.

RENDAS

Atlético Mineiro: Cr$ 32.797.847,00; São Paulo: Cr$ 25.119.726,00, Corintians: Cr$ 21.219.739,00; Flamengo RJ: Cr$ 17.982.498,00; Cruzeiro: Cr$ 16.301.512,00; Londrina: Cr$ 15.891.364,00; Vasco da Gama: Cr$ 15.342.155,00; Palmeiras: Cr$ 14.604.720,00; Bahia: Cr$ 15.417.159,00; Grêmio: Cr$ 14.674.396,00, Santos: Cr$ 14.660.842,00; Botafogo RJ: Cr$ 13.645.706,00; Operário: Cr$ 12.072.979,00; Santa Cruz: Cr$ 11.742.013,00; Ponte Preta: Cr$ 9.761.810,00; Internacional: Cr$ 8.496.951,00; AméricaRJ: Cr$ 8.095.534,00; Fluminense RJ: Cr$ 7.527.545,00; Botafogo RP: Cr$ 7.381.461,00; Remo: Cr$ 7.173.099,00; Maringá: Cr$ 6.371.728,00; XV de Novembro: Cr$ 6.195.496,00; América RN: Cr$ 6.177.082,00; Caxias: Cr$ 5.778.842,00, ABC: Cr$ 5.353.087,00; Sport: Cr$ 5.274.171,00; Portuguesa: Cr$ 5.238,061,00; CSA: Cr$ 5.083.860,00; Joinville: Cr$ 5.064. 047,00; Vila Nova: Cr$ 5.009.237,00, Fast: Cr$ 4.913.299,00; Goiás: Cr$ 4.843.821,00; Guarani: Cr$ 4.728.340,00; Confiança: Cr$ 4. 671.670,00; Brasil: Cr$ 3.979.571,00; Vitória BA: Cr$ 3.958.751,00; BotafogoPB: Cr$ Cr$ 3.857.494,00; América MG: Cr $ 3.819.508,00; Desportiva: Cr$ 3.643.543,00; Goitacás: Cr$ 3.628. 310.00; Ceará: Cr$ 3.568.602,00; Brasília: Cr$ 3.506.136,00; Uberaba: Cr$ 3.347.938,00; Nacional: Cr$ 3.316.603,00; River: Cr$ 3. 167.354,00; Fortaleza: Cr$ 3.120.906,00; Dom Bosco: Cr$. 3.110.610,00; Treze: 3.066.195,00; Flamengo PI: cr$ 3.017.869,00; Sergipe: Cr$ 2.936.480,00; Goiânia: Cr$ 2.927.440,00; Nàutico: Cr$ 2.813.180,00; Paissandu: Cr$ 2.806.843,00; Coritiba: Cr$ 2.789.248, 00; Sampaio Correa: Cr$ 2.637.405,00; Fluminense BA: Cr$ 2.622.930,00; Avaí: Cr$ 2.492.869,00; Juventude: Cr$ 2.373.398, 00; Americano: Cr$ 2.346.485,00; Atlético Paranaense: Cr$ 2.339.777,00; Volta Redonda; Cr$ 2.109.901,00; Vitória ES: Cr$ 1.918.719,00. Total Geral: Cr$ 225.971.372,00.

Quanto foi

Torneio Seletivo paulista — Juventus 2, São Bento 1; Ferroviária 1, Portuguesa Santista 0; Francana 1, XV de Novembro de Jaú 0; Paulista 1, Marília 0.

Divisão Intermediária — Série José Barbosa Beraldo: Nacional 1, Aliança Clube 2; Santo André 0, Internacional de Limeira 1; Independente de Limeira 0, Guaratinguetá 0; Ginásio Pinhalense 1, São José 1. Série Anísio Hadad — Rio Claro 1, Americana 1; Rio Preto 1, Catanduvense 0; Barretos 2, Linense 2; Corintians de Presidente Prudente 1, Velo Clube Rioclarense 1.

Torneio Hexagonal de Goiás: Goiânia 1, Atlético Goianiense 2; Vila Nova 1, Goiás 2.

Torneio Quadrangular catarinense — Avaí 2, Palmeiras 0; Juventus de Jaraguá do Sul 0, Marcílio Dias 0.

Torneio Integração do Rio de Janeiro — Itaboraí 2, Bangu 2; Costeira 0, Madureira 2; Bonsucesso 1, Portuguesa 2; Olaria 2, Manufatora 0.

Taça Cidade de Fortaleza — Ceará 6, América 0; Fortaleza 0, Calouros do Ar 0.

Torneio João Hora de Oliveira — Em Aracaju: Olímpico 0, Confiança 0; Sergipe 1, Vasco 4.

Torneio Incentivo pernambucano — América 2, Ibis 0.

Torneio Incentivo baiano — Leônico 0, Ipiranga 1.

Torneio Incentivo mineiro — Nacional de Muriaé 2, Guarani 0.

Amistosos: Itumbiara 1, Cruzeiro 1; Grêmio Maringá 1, Pinheiros 1; Botafogo de João Pessoa 1, Sport Recife 1; CSA 0, Náutico 0; Araxá 0, Nacional de Uberaba 0; URT 0, Atlético Mineiro (Juvenis) 0; Ferroviário de Natal 2, Riachuelo 4; Seleção do Pará 4, Seleção do Uruguai 0;

INTERNACIONAL

Itália — Juventus 2, Perugia 0; Foggia 1, Milan 2; Bologna 0, Verona 3; Genova 1, Torino 2; Internazionale 2, Fiorentina 1; Vicenza 2, Atlanta 2; Pescara 1, Lazio 0; Roma 0, Napoli 0. **Classificação**: 1°) Juventus, 31; 2°) Milan e Torino, 27; 4°) Vicenza, 26; 5°) Internazionale, 24; 6°) Napoli e Perugia, 22; 8°) Verona, 21; 9°) Roma e Atalanta, 20; 11°) Lazio, 19; 12°) Genova, 17; 13°) Bologna, 16; 14°) Fiorentina e Foggia, 15; 16°) Pescara, 14.

Espanha — Elche 3, Real Madrid 2; Barcelona 2, Hercules 1; Cadiz 2, Atletico Madrid 1; Gijon 3, Burgos 2; Rayo Vallecano 1, Espanol 1; Real Sociedad 2, Salamanca 0; Las Palmas 2, Betis 1. Classificação: 1°) Real Madrid, 33; 2°) Barcelona, 31; 3°) Gijon, 29; 4°) Atletico Bilbao e Rayo Vallecano, 27; 6°) Las Palmas, 26; 7°) Valencia e Salamanca, 25; 9°) Sevilla e Real Sociedad, 24; 11°) Espanol e Atletico Madrid, 22; 13°) Betis, Burgos e Elche, 21; 16°) Cadiz, 18; 17°) Hercules e Santander, 17.

Holanda — AZ 67 Alkmaar 2, Den Haag 0; Sparta 3, NEC 0; PSV 1, Venlo 1; Twente 0, Amsterdam 2; Haarlen 2, Volendam 3; Ajax 7, Telstar 0; Utrecht 2, Go Ahead 0; Witesse 2, Roda 2; Breda 2, Feyenoord Rotterdam 1. O PSV é líder com 25 pontos.

Copa de Portugal — Quartas de final — Sporting 3, Benfica 1; Farense 1, Braga 3; Porto 3, Gil Vicente 0; Riopele 1, Varzim 2. Porto, Sporting, Braga e Varzim passaram para as semifinais.

Iugoslávia — Dynamo 1, Radnicki 0; Estrela Vermelha 1, Buducnost 0; Celik 2, Trepca 0; Velz 0, Vojvodina 0; Sloboda 2, Osijek 0; Rijeka 2, Sarajevo 2; Borac 2, Olimpia 0; Partizan 2, Zagreb 1; Hajduk 1, OFK Belgrade 0. O Partizan é o líder com 32 pontos.

Áustria — Admira 1, ASK Linz 0; AK Graz 1, Sportclub 1; Sturm Graz 2, Vienna 0; Insbruck 1, Woest Linz 1; Austria 3, Rapid 0.

França — Nantes 2, Nancy 0; Metz 0, Bastia 0; Nimes 3, Monaco 4; Troyes 3, Paris Saint Germain 1; Laval 3, Lens 0; Lyons 1, Bordeaux 1; Rouen 1, Reims 2; Nice 0, Strasburgo 1; Valencciennes 1, Marsella 2.

Bélgica — La Louviere 1, Beveren 0; Lokeren 2, Charleroi 0; Countrai 1, Cercle Bruges 1; Antwerp 1, Anderlecht 2; Boom 0, Liegeois 0; Standard 7, Winterslag 0; RWON 2, Lierse 1; Brugeois 2, Beerschot 1; Beringen 3, Waregem 0.

Loteria

379 PRÊMIO: CR$ 35.405.003,81

ORDEM	CLUBE 1		EMPATE X		CLUBE 2	CONTAGEM
1	● Juventus/SP				S. Bento/SP	2×1
2	● Paulista/SP				Marília/SP	1×0
3	Ferroviária/SP			●	P. Santista/SP	1×1
4	● Francana/SP				XV Nov. Jaú/SP	1×0
5	Bonsucesso/RJ				Portuguesa/RJ	● 1×2
6	● Olaria/RJ				Manufatora/RJ	2×0
7	Itaborai/RJ			●	Bangu/RJ	2×2
8	Costeira/RJ				Madureira/RJ	● 0×2
9	Leônico/BA				Ipiranga/BA	● 0×1
10	● América/PE				Ibis/PE	2×0
11	● Ceará/CE				América/CE	6×0
12	● Atlético/GO				Goiânia/GO	2×1
13	Vila Nova/GO				Goiás/GO	● 1×2

Nenhuma zebra no Teste nº 379 da Loteria Esportiva. Mas alguns jogos eram muito equilibrados. De todo modo, haverá muitos ganhadores. E para o próximo teste, o equilíbrio vai continuar: não há praticamente favoritos.

	1		X		2	D	T
1	Francana/SP		Paulista/SP		1		
2	XV Nov. Jaú/SP		Ferroviária/SP		2		
3	P. Santista/SP		Juventus/SP		3		
4	S. Bento/SP		Marília/SP		4		
5	Ceará/CE		Tiradentes/CE		5		
6	Fortaleza/CE		Ferroviário/CE		6		
7	Leônico/BA		Galícia/BA		7		
8	Nacional/AM		Sul América/AM		8		
9	Gaúcho/RS		Bagé/RS		9		
10	Pelotas/RS		Sto. Angelo/RS		10		
11	Figueirense/SC		Joaçaba/SC		11		
12	Chapecoense/SC		Carlos Renaux/SC		12		
13	Campinense/PB		Treze/PB		13		

Todos os jogos do Teste 380 desta semana estão marcados para a tarde de domingo, mas alguns poderão ser antecipados, em face da realização do primeiro treino da Seleção Brasileira e que vai contar com a presença da televisão. Os maiores favoritos são o Ceará, Nacional e Figueirense.

Jogo 1 — Francana e Paulista — Em Franca, pelo Torneio Seletivo paulista. No sábado, a Francana venceu o XV de Novembro de Jaú por 1 a 0, com gol marcado no último minuto. E ontem, pela mesma contagem, o Paulista derrotou o Marília, em Jundiaí.

Jogo 2 — XV de Novembro e Ferroviária — Em Jaú. No sábado, o XV de Novembro perdeu para a Francana por 1 a 0. A Ferroviária, mesmo jogando em Araraquara, também no sábado, não conseguiu passar pela Portuguesa Santista e ficou no empate por um gol.

Jogo 3 — Portuguesa santista e Juventus — Em Santos. A Portuguesa santista foi bem na partida de sábado e empatou com a Ferroviária, em Araraquara por 1 a 1. O Juventus, enfrentou o São Bento no sábado e conseguiu boa vitória por 2 a 1.

Jogo 4 — São Bento e Marília — Em Sorocaba. O São Bento não vai poder contar com Lance e Paraná, que foram expulsos no jogo de sábado, quando o time perdeu por 2 a 1 para o Juventus. O Marília não foi bem na rodada de ontem e perdeu para o Paulista por 1 a 0.

Jogo 5 — Ceará e Tiradentes — Pela Taça Cidade de Fortaleza. No sábado o Ceará venceu o América por 6 a 0 e é bem superior ao Tiradentes que pouco pode pretender na partida do próximo domingo.

Jogo 6 — Fortaleza e Ferroviário — Também pela Taça Cidade de Fortaleza. No sábado o Fortaleza empatou com o Calouros do Ar por 0 a 0 e o Ferroviário pode surpreender.

Jogo 7 — Leônico e Galícia — Pelo Torneio Incentivo baiano. Ontem o Leônico perdeu para o Ipiranga por 1 a 0. Jogo sem favoritismo.

Jogo 8 — Nacional e Sul América — Em Manaus. Pela Taça Jorge Teixeira. O Nacional tem maiores possibilidades, mas no último encontro com o Sul América não foi além de um empate sem gols.

Jogo 9 — Gaucho e Bagé — Pelo Torneio Rubens Hoffmester. Em Passo Fundo, onde o Gaúcho não pode facilitar, já que o Bagé está com um time bem armado.

Jogo 10 — Pelotas e Santo Ângelo — Também no Rio Grande do Sul. O Pelotas joga em seu campo e deve confirmar sua última exibição contra o Santo Ângelo, quando venceu por 5 a 3.

Jogo 11 — Figueirense e Joaçaba — Em Florianópolis, com um dos grandes favoritos do Teste. O Figueirense tem um time superior.

Jogo 12 - Chapecoense e Carlos Renaux - O Chapecoense foi o campeão catarinense de 1977, mas não conseguiu vencer o Carlos Renaux. Perdeu um jogo por 2 a 1 e no outro, em seu campo, empatou por 0 a 0.

Jogo 13 - Campinense e Treze - Pelo Torneio Seletivo paraibano e que vai indicar qual dos dois times que deverá participar do Campeonato Brasileiro deste ano. O Campinense conta com um quadro mais armado.

Jornal do Futebol

Palmeiras contratou Escurinho

O Palmeiras contratou o atacante Escurinho, do Internacional de Porto Alegre, por 2 milhões de cruzeiros. A princípio, pretendia o jogador por empréstimo e ficou certo que ele viria com o preço do passe estipulado (2,5 milhões de cruzeiros). No sábado, acabou sendo contratado em definitivo.

A informação foi do diretor de futebol Humberto Gregnanin, que se encarregou dessa transação e falou de outras novidades. O lateral esquerdo Romero, que entraria como parte do negócio de Escurinho, acabou sendo vendido ao Atlético, de Minas, por "mais de 1 milhão de cruzeiros", segundo disse Gregnanin.

— Quanto ao Nei, do Botafogo de Ribeirão Preto, o negócio será resolvido na próxima terça-feira — disse ontem o diretor.

O problema é que o Botafogo pediu 1,8 milhão pelo passe do jogador, para depois exigir mais 300 mil cruzeiros. O Palmeiras estaria ainda interessado numa troca do centroavante Toninho pelo ponta de lança Renato, ou por Zenon, os dois do Guarani, de Campinas.

Ontem em Campinas, o presidente Ricardo Chuffi, do Guarani, confirmou que realmente recebeu essa proposta do Palmeiras e que o negócio poderá até dar certo.

— É que nós resolvemos guardar sigilo de qualquer tipo de transação, depois do que houve com o caso Edu. Ele já era praticamente nosso, mas depois recusou-se a vir para Campinas.

No sábado, o Guarani contratou o centroavante uruguaio Nelson Pedetti, que pertencia ao Nacional de Montevidéu, por 1 milhão de cruzeiros. E Toninho, do Palmeiras, sabendo que poderia entrar nas negociações com Renato, já antecipou que não irá para Campinas. Mas o Palmeiras tem muitos jogadores para oferecer. Em troca de Renato e Zenon, poderão entrar como parte do negócio Jair Gonçalves, Ivo, e até mesmo Edu, caso resolva mudar de idéia.

Sabe-se que o São Paulo ofereceu 1,5 milhão pelo passe de Edu, mas o Palmeiras pediu três milhões de cruzeiros.

Escurinho, no Palmeiras, por Cr$ 2,5 milhões.

Londrina sem técnico?

A possibilidade do técnico Armando Renganeschi, do Londrina, passar para o Corintians antes do término do seu contrato, o que acontecerá em outubro, está sendo vista com incredulidade pelos dirigentes do seu clube. O diretor de futebol Sebastião Aguiar afirmou: "Tenho certeza que o Renga não deixa o Londrina por dinheiro nenhum. Conheço o Renga há 30 anos e a retidão do seu caráter e de sua conduta profissional me dá essa certeza."

Renganeschi, que estava no Colorado quando o Londrina foi buscá-lo no ano passado, recebe um salário de cr$ 35 mil mensais, o que é considerado no mesmo nível dos times grandes, segundo Aguiar.

Vitória do Paulista

Com um gol de Bosco, aos sete minutos do segundo tempo, o Paulista venceu o Marília, ontem pela manhã, por 1 a 0, em Jundiaí e continua liderando o Torneio Incentivo. Depois de um primeiro tempo bastante agressivo, o Paulista quase permitiu o empate, mesmo quando o Marília tinha um jogador a menos — Lúcio Mangabeira foi expulso.

Paulista: Edson, Cícero (Walter), Jorge Luís (Mané), Domingos e Lázaro; Bosco, Wagner e Alceu; Davi, Souza e Tião. **Marília**: Paulo Cesár, Lúcio Mangabeira, Renato, Clodoaldo e Pereira; Nenê, Ademir (Cacá) e Zé Rubens; Edinho (Rubão), Gilson e Ferreira. **Juiz**: Nilson Cardoso Bilha. **Renda**: 188.765,00. **Cartão vermelho**: Lúcio Mangabeira.

LEIA E ASSINE

O ESTADO DE S. PAULO

Basta preencher os dados abaixo e enviar para Av. Eng. Caetano Alvares, 55 — CEP 02550 — Caixa Postal 8005 — S.Paulo — Departamento de Circulação.

Nome: .....

Endereço: ..... CEP.....

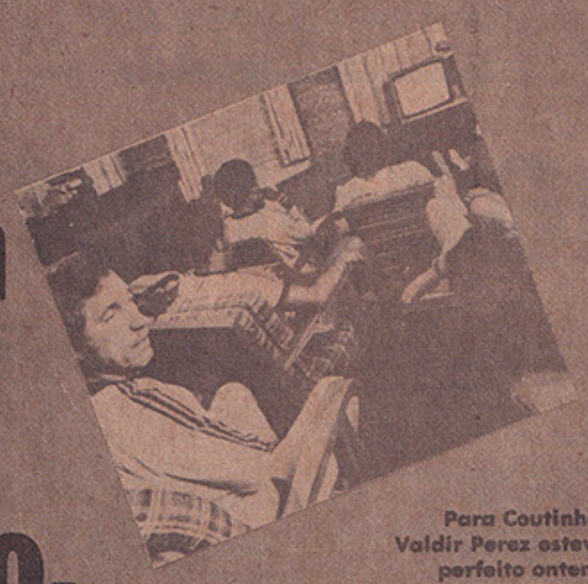
Cidade: ..... Estado: .....

S. Paulo - Capital e Interior	M. Gerais - R.Janeiro - Goiás S.Catarina - M.Grosso - Paraná	Demais Estados
☐ 9 meses Cr$ 781,00	☐ 9 meses Cr$ 884,00	☐ 9 meses Cr$ 1.885,00
☐ 3 meses Cr$ 280,00	☐ 3 meses Cr$ 317,00	☐ 3 meses Cr$ 676,00

9 meses: início em Abril/78 e término em Dezembro/78
4 meses: início em Abril/78 e término em Junho/78

Anexe um cheque nominal a favor da S.A. "O ESTADO DE S.PAULO" ou procure o nosso Agente de Assinaturas em sua cidade.

Prêmio para Valdir Perez: um lugar na Seleção.



Para Coutinho, Valdir Perez esteve perfeito ontem. E isto o levou a convocar o goleiro.

A grande atuação de Valdir Perez ontem à tarde, contra o Atlético, praticamente decidiu a convocação do goleiro do São Paulo como o terceiro da Seleção. O técnico Cláudio Coutinho, após o jantar no Hotel Pinheiros, admitia isso, elogiando muito a presença de Valdir Perez nos momentos decisivos da partida.

— Era por isso que eu queria que os goleiros ficassem jogando nos seus times, pois o terceiro quase não terá chances na Seleção. O Valdir, sem dúvida, somou muitos pontos no jogo de hoje, esteve perfeito embaixo do gol e também nas saídas. Mostrou que é um goleiro frio e experiente.

Além de Valdir Peres, Coutinho também tinha elogios para o novato goleiro do Atlético, João Leite, e para dois jogadores de armação: o meia Ângelo, do Atlético, e o volante Chicão, do São Paulo.

— O Chicão esteve muito cogitado para ser convocado, e até à última hora pensei nele. É um jogador que melhorou muito nos últimos meses. Sabe jogar bonito, e não apenas duro, como antes, e está na brecha. Em qualquer emergência, pode ser chamado para a Seleção.

Finalmente, Coutinho pediu a todos os seus entrevistadores da noite de ontem que registrassem um elogio especial, acompanhado da sua mais sincera admiração e respeito, ao técnico Rubens Minelli, a quem Coutinho considerou "o grande vencedor da final", e tetracampeão brasileiro".

— De maneira muito especial quero elogiar o Minelli. Depois do jogo de hoje, só aumentou a admiração que eu já tinha por ele. Mesmo não estando no banco, a influência dele na partida foi decisiva. Para mim, ver um colega de profissão trabalhar de forma tão brilhante, representa uma alegria grande.

Sobre o jogo, Coutinho não entrou em maiores detalhes, se esquivou de examinar a fundo a atuação de Toninho Cerezo, e considerou a armação do meio campo do São Paulo, bem como a disposição dos jogadores, os fatores mais importantes para a vitória.

— Foi uma batalha tática sensacional, com os dois técnicos criando novas alternativas para a partida a quase todo momento. É preciso elogiar o comportamento do Barbatana, que quase venceu o jogo quando colocou o Isidoro no lugar de Marcelo, que não jogava bem. Porém, o Minelli imediatamente equilibrou o jogo outra vez pondo o Peres no lugar de Teodoro, que estava cansado.

Coutinho considera que o Atlético fez o possível para levar o jogo até à vitória, mas não conseguiu por causa da excelente arrumação tática do meio-campo organizada por Minelli.

— Eu tinha certeza que ele colaria o Dario Pereira no Cerezo para segurar as melhores jogadas do Atlético. A disciplina do Dario, um craque, me agradou demais. Ele jogou para o time, demonstrando uma dedicação extraordinária. Além disso, o São Paulo contava com uma grande vantagem: o estado do gramado. Com um meio-campo fisicamente mais bem dotado, soube aproveitar melhor as jogadas divididas e levou boa vantagem.

No ano passado, Coutinho perdeu para o Vasco, na decisão do segundo turno carioca, nos pênaltis, e ontem, ele lamentava a sorte do Atlético, mas não vê outra alternativa para isso.

— A Própria Fifa determina que os jogos sejam decididos nos penaltis, quando as prorrogações terminam empatadas, então, não há razoes para queixas. É verdade que na cobrança dos pênaltis tudo é aleatório, e muitos craques erram a cobrança, como aconteceu com o Zico em outras oportunidades e com o Toninho Cerezo hoje.

E foi justamente para Toninho cerezo a última referência feita por Coutinho sobre a partida. O técnico não gostou do comportamento disciplinar de Cerezo, quando ele tentou revidar uma entrada de Peres com uma cotovelada, e já prometeu que falará sério com o jogador.

— Cerezo é um craque, um jogador importante no meu esquema, e titular absoluto da Seleção. Justamente por causa de tudo isso, ele não pode continuar se comportando como nos últimos jogos. A disciplina na Copa do Mundo será rigorosa, e ele precisa se conter. Não pode jamais revidar as agressões e se importar com as entradas duras dos adversários. Nossos jogadores não podem perder a cabeça, por isso vou levar conversa muito séria com o Cerezo neste sentido.

Na seleção, o São Paulo foi o legítimo campeão

Um brasileiro venceu o mundial de Soling. Com um barco velho e superado.

O Brasil tem mais um título mundial importante no esporte da vela, com a grande conquista de Gastão Brun, ontem, no Oitavo Campeonato Mundial de Soling, realizado no Rio desde o dia 22. Brun derrotou o experiente e técnico Glen Dexter, o canadense que era o campeão desde 77, na Noruega, quando o brasileiro ficou em terceiro. A performance de Gastão Brun nesse Oitavo Campeonato foi quase perfeita, e ele, ontem, velejou preocupado apenas em ser campeão e não em tirar uma colocação honrosa. Na verdade, Brun velejou olhando para os canadenses Dexter e Hans Fogh, seus dois adversários mais temíveis na luta pelo título mundial.

Gastão Brun fez um plano de regata muito inteligente. Com seu irmão Vicente Brun e o amigo Roberto Martins como proeiros, ele largou pelo meio da raia olímpica em frente à Escola Naval e teve o cuidado de manter-se na frente apenas dos dois canadenses. Foi tudo muito calculado e medido, diria mais tarde. Logo na passagem da primeira bóia, Brun era o quarto colocado, enquanto Dexter aparecia em décimo, velejando mal, e Fogh não passava de um décimo-quinto lugar, sem muitas chances de recuperação.

— Tudo começou dentro dos nossos planos — comentou Brun após a grande conquista.

Na retomada do curso, depois da montagem da primeira bóia, Brun preocupou-se pois os ventos pararam subitamente no seu rumo, a Ilha do Pai, e ele caiu bruscamente para oitavo. Mas, demonstrando toda a sua experiência, segurança e, acima de tudo, conhecimento da raia do Rio, recuperou-se na segunda orça e conseguiu a sexta colocação — a que manteria até o final da regata, embora tivesse ficado por algum tempo na quinta posição quando o paulista Eduardo Souza Ramos viu-se obrigado a se retirar da regata com o seu barco "Krishna".

Quem velejou muito bem ontem foi o brasileiro Axel Schmidt. Encerrou sua participação obscura no mundial com um primeiro lugar que acabou por colocá-lo entre os dez primeiros na classificação geral. Axel dessa vez mostrou sua categoria e assumiu logo a ponta na largada, pegando o rumo da Ilha do Pai e não tomando mais conhecimento dos demais competidores: ganhou de ponta a ponta.

Enquanto isso, Glen Dexter não passava de um inexpressivo décimo-primeiro lugar e Hans Fogh, recuperando-se sensacionalmente para quem largou tão mal, terminou na sua frente: em nono. Com isso, na contagem geral, Dexter ficou com o vice-campeonato e Fogh com o terceiro lugar. Eles eram os únicos em condições de ganhar o título.

Apesar da euforia pelo título tão arduamente disputado e tão brilhantemente conquistado, envolvido por muitos amigos e muitos abraços na varanda do Iate Clube do Rio de Janeiro, o engenheiro Gastão Brun despediu-se do Soling de maneira estupenda: campeão mundial, o único título que lhe faltava na categoria, à exceção do título olímpico. E Gastão dizia que vai abandonar o Soling sem a menor chateação.

— É um barco muito difícil de velejar. Tenho seis anos de Soling, já fiz o que podia fazer e acho que saio numa boa hora — dizia ele, ontem, após a chegada à varanda do iate.

Casado e pai de dois filhos, Brun, aos 33 anos de idade e quase 20 de barco a vela, falava dos seus planos em se dedicar, exclusivamente, aos barcos da categoria "Laser". Garantia que não tem planos de participar da Semana Pré-Olímpica de Talim, nem das Olimpíadas de Moscou, em 1980, onde o Soling entrará pela terceira vez.

— Agora chega. Estou cansado e meu barco, o "Revolution", muito mais ainda. São seis anos de uma amizade permanente.

O "Revolution" de Gastão Brun era um dos mais antigos e superados barcos do Oitavo Mundial de Soling. Na pesagem ele atingiu cerca de 40 quilos a mais do que o mínimo exigido. Glen Dexter, por exemplo, tinha um barco, o "Delusions" com as medidas exatas e o perfeito mínimo: 1.035 quilos. Assim mesmo perdeu:

— Mas era o mais veloz de todos do campeonato — comentava Gastão Brun.

E Brun acrescentava:

— Andei sempre atrás dele, por mais veloz que eu fosse. É incrível como o Dexter era veloz na raia.

Classificação da regata de ontem, a sétima e última:

1 - Axel Schmidt - Brasil
2 - Augusto Barroso - Brasil
3 - Willi Khuweide - Alemanha
4 - Gruennewaldt - Suécia
5 - Wernnerstrom - Suíça
6 - Gastão Brun - Brasil
7 - Hall - Canadá
8 - Crebbin - Inglaterra
9 - Fogh - Canadá
10 - Bandalowski - Dinamarca

Classificação final do Oitavo Mundial de Soling:

1 - Gastão Brun - Brasil - 40,7 pontos perdidos
2 - Glen Dexter - Canadá - 42
3 - Hans Fogh - Canadá - 49,7
4 - Philips Crebbin - Inglaterra - 60
5 - Karl Haist - Alemanha - 67,4
6 - Fritz Geis - Alemanha - 67,4
7 - Eric Thorsell - Suécia - 71,4
8 - Valdemar Bandalowski - Dinamarca - 77,7
9 - Wernnerstrom - Suécia - 88
10 - Axel Schmidt - Brasil - 88,7 pontos perdidos

Quase todos os jogadores da Seleção...

Entre os jogadores, admiração por Minelli.

Serginho jogará? Expectativa na Casa Verde.

Nenhuma surpresa, nenhum espanto — apenas uma grande admiração pelo técnico Rubens Minelli e por Chicão, os grandes responsáveis pela vitória do São Paulo, nos pênaltis.

Havia também uma certa decepção pelo futebol mostrado por Toninho Cerezo, mas isso, os jogadores da Seleção Brasileira procuravam esconder durante as entrevistas, no Hotel Pinheiros, depois da partida.

Assim, de uma maneira quase unânime, todos consideravam a conquista do São Paulo justa e poucos eram os que levavam em consideração a ótima campanha do Atlético — invicto — durante todo o campeonato brasileiro. Mesmo porque, beneficiado pelas circunstâncias do campo, bastante molhado, o São Paulo, na opinião dos jogadores, levou grande vantagem por ser um time pesado e praticamente do futebol-força.

— O São Paulo mereceu a vitória — dizia Amaral — teve mais presença e poderia até ter decidido nos 90 minutos regulamentares. E na verdade, além da habilidade do Minelli, teve em Chicão uma peça fundamental para chegar à vitória.

Meio atônito, mas satisfeito com a vitória do São Paulo ("o time da minha terra"), Zé Maria nem sabia como definir essa decisão:

— Tranqüilo, o São Paulo mereceu. Por quê? Ora, porque conseguiu fazer aquilo que o Atlético não fez.

Já o zagueiro Abel achou que faltou personalidade ao Atlético:

— Aconteceu o que eu havia previsto: ao invés de marcar sob pressão, o Atlético quis jogar em contra-ataques. E teve a desvantagem de encontrar um time mais forte pela frente, que adaptou-se melhor ao campo. Além disso, um time muito mais experiente, com um grande técnico. Outra coisa: foi um crime deixar o Joãozinho Paulista bater um pênalti, ele que não havia feito sequer uma partida pelo Atlético.

Segundo Rodrigues Neto, além de Minelli e Chicão, o São Paulo teve a seu favor também o fator sorte.

— Depois de 120 minutos, a gente perde até o raciocínio nos pênaltis. Por isso, qualquer um poderia ter vencido no final, embora o São Paulo, pelo futebol demonstrado, merecesse vencer mesmo.

Um dos poucos que chegaram a lembrar a campanha do Atlético foi o zagueiro Toninho. Se bem que, nesta partida, ele acha que o São Paulo foi bem superior. Mas, da mesma forma que Edinho, Toninho credita a Minelli os grandes méritos desse título.

— Além de conhecer barbaridade, o homem tem uma estrela incrível.

Assim como a maioria, Polozzi acha que Minelli teve grande influência. Mas, por outro lado, ele não considerou o São Paulo superior durante os 120 minutos de futebol:

— Foi um jogo equilibrado, difícil. Pelos pênaltis, não se pode dizer que o São Paulo mereceu, embora o Minelli soubesse armar o time.

Gil procurava encarar tudo na base da brincadeira:

— Ótimo. São Paulo ganhou porque algum time tinha que acompanhar o Botafogo, invicto e sem o título. Só acho que não devia haver decisão por pênaltis, que só serve para crucificar os jogadores. O São Paulo jogou melhor e mereceu vencer antes mesmo da prorrogação.

... consideraram a vitória merecida...

...elogiando Chicão e a sorte de Minelli.

TREINO HOJE

A Seleção Brasileira ainda treinará hoje pela manhã na Granja Comari, em Teresópolis, e às 15 horas os jogadores serão liberados para a primeira folga geral, antes da viagem à Europa. A decisão foi tomada ontem, no início da tarde, durante a reunião da Comissão Técnica. O motivo principal para liberar os jogadores é para que cada um cuide da sua declaração de renda, pois a próxima folga será somente nos dias 23 e 24 de março. A reapresentação do grupo está marcada para quarta-feira, às 18 horas no aeroporto Santos Dumont, para os cariocas e paulistas, e às 19 horas, no Galeão, para Tarciso, Batista e Nunes. Outra decisão da comissão: Toninho Cerezzo e Reinaldo só se apresentam amanhã, às 20 horas, no Hotel Nacional. Os dois farão os exames médicos quarta-feira pela manhã, e encontrarão os demais jogadores à noite, seguindo para Teresópolis.

Essa primeira folga da Seleção certamente servirá para que alguns jogadores recebam oficialmente propostas para mudar de clube, e talvez até mesmo aconteça o primeiro negócio envolvendo um jogador da Seleção: Nunes, do Santa Cruz, pode ser vendido para o Inter. Segundo Nunes informou ontem, o Santa Cruz só está esperando a sua chegada a Recife para resolver o negócio com o Inter. O Inter está oferecendo Cr$ 4 milhões, mais os passes do centro-avante Luis Fernando (ex-Rio Preto) e do ponta-esquerda Santos. Nunes considera uma excelente proposta, e fará tudo para que sua venda para o Inter se concretize:

— Ganherei um bom dinheiro nos 15%, mas quero incluir também o valor referente aos passes dos dois jogadores que entrarão no negócio. Caso contrário, não aceito. Além de Nunes, Abel e Gil também devem receber telefonemas do Palmeiras confirmando o interesse do clube pelos dois. Mas Gil afirma estar bem no Botafogo e não parece muito disposto a deixar o Rio.

Um outro assunto muito importante discutido na reunião foi a respeito da convocação do terceiro goleiro. O preparador Raul Carlesso e o técnico Cláudio Coutinho eram a favor, por dois motivos importantes: o primeiro, segundo Carlesso, é o treinamento específico dos goleiros. Sendo apenas dois, eles não conseguem descansar, e o ritmo do treinamento é quebrado. O outro motivo, alegado por Coutinho, é de que se algum dos goleiros se machucar, ele será obrigado a improvisar algum dos outros jogadores, como aconteceu sexta-feira, quando Carlos esfolou o joelho, Leão estava cansado, e Abel e Gil foram para o gol defender os chutes durante os treinamentos de faltas da entrada da área. Apesar desta argumentação, o resto da comissão votou contra, e Coutinho acabou confirmando a sua intenção revelada no dia da convocação: o terceiro goleiro só será chamado após a volta da excursão à Europa.

Reinaldo e Cerezo se apresentam amanhã.

A monotonia que está havendo durante grande parte do tempo na concentração da Seleção Brasileira será quebrada amanhã com a apresentação de Reinaldo e Toninho Cerezo, os últimos convocados a chegar. Eles ficaram à disposição do Atlético até ontem, quando o time disputou a final da Copa Brasil.

Os dois jogadores — titulares absolutos em suas posições, segundo o técnico Cláudio Coutinho — vão encontrar um ambiente de rígida disciplina em Teresópolis, além do enfado que o isolamento da concentração provoca. Apenas nos momentos dos dois treinos diários é que há oportunidade dos jogadores manterem alguns contatos externos com os jornalistas e o grande número de admiradores.

O próprio Coutinho acha que o excesso de treinamentos físicos e tático-técnicos chega a ser monótono, somando-se a isso as horas vagas preenchidas com jogos de baralho e sinuca. À noite muito pouco se pode fazer na concentração, a não ser ver televisão. Mas há jogadores como Oscar, Leão e Edinho que aproveitam para ler.

COLETIVO

Para quarta-feira está marcado o primeiro treino coletivo da Seleção após as instruções táticas e técnicas ministradas durante o período inicial da concentração. Coutinho aguarda com ansiedade essa ocasião:

— Eu estou esperando para ver como é que estes ensinamentos serão aplicados no treino coletivo. Mas acredito que tudo vai dar certo porque o grupo está demonstrando uma trememda boa vontade, muita disposição para tudo aquilo que foi feito até agora. Eu poderei observar muito mais coisas, o que será bastante proveitoso para o trabalho que nós estamos desenvolvendo.

Coutinho está reforçando essa parte com a exibição de compactos de tapes de jogos de seleções européias. Durante 45 minutos, os jogadores assistem essas partidas, passando a discutir depois:

— São compactos sobre as técnicas de jogos dos europeus — disse Coutinho — e o grupo está gostando muito. Há sempre interesse, muita discussão em torno das jogadas. E isto só pode me deixar satisfeito. Exibimos os filmes, depois incentivamos um debate sobre o que foi visto. Todos gostam muito e eu percebo um interesse fora do comum.

Mas não tem sido apenas de amenidades a concentração. Na sexta-feira, durante o treino no campo especialmente construído para a seleção na Granja Comari, a garoa fina que caiu deixou a grama muito escorregadia. Antes de aborrecer, essa situação agradou a Coutinho:

— Esta chuva deixou o gramado mais escorregadio, como esperamos encontrar lá em Mar Del Plata. Aliás, o gramado daquele estádio em que vamos jogar, devido às condições meteorológicas habituais de junho na Argentina, será muito mais pesado do que isto aqui.

Apesar do campo molhado ter dificultado muito o domínio da bola, o preparador físico Ademildo Chirol não estava muito preocupado com o gramado, muito fofo conforme recomendações da Comissão Técnica. Ele acha que o jogador de futebol brasileiro está acostumado a jogar em condições semelhantes às que vai encontrar na Argentina:

— E quem sabe mesmo jogar futebol, joga em qualquer lugar — disse Chirol. Nós estamos preparando uma Seleção Brasileira que será capaz de enfrentar qualquer parada, por mais dura que seja.

Porisso, Coutinho tem recomendado que os jogadores tenham bastante cuidado nos treinos, principalmente nas bolas divididas, mas sem deixar de encarar como um jogo de verdade. Contudo, o técnico esclareceu que "o jogo de verdade" será guardado para a Argentina. Até lá, a Seleção Brasileira deverá jogar contra uma seleção do Paraná, em Curitiba ou Londrina, no dia 19, e contra a seleção de Goiás, em Goiânia, no dia 22.

Depois desses dois amistosos, a seleção vai embarcar para a Europa, o que acontecerá no dia 27, para uma série de jogos preparatórios à Copa do Mundo. Enquanto a Comissão Técnica está tomando as providências para tudo isso, os jornalistas enviados à concentração têm encontrado muitas dificuldades para trabalhar.

Na concentração, monotonia e rigidez disciplinar.

Os jornalistas podem falar muito pouco com os jogadores.

PROBLEMAS

O presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, esteve em Teresópolis na sexta-feira, onde classificou de excelente o ambiente e o relacionamento da Comissão Técnica com a Imprensa. Ele também fez questão de elogiar as autoridades de Teresópolis, que teriam dado todas as condições para o trabalho dos jornalistas:

— Afinal, Teresópolis não tem a infra-estrutura de uma capital, mas os meios de comunicações instalados aqui me permitem a satisfação de ver vocês trabalhando sem dificuldades.

No entanto, além de ser falho o sistema de comunicações telefônicas e por telex, a própria CBD restringiu bastante o trabalho dos jornalistas, que só podem conversar com os jogadores durante poucos minutos antes e depois dos treinos. Isto, sem contar com o regulamento disciplinar que obriga os atletas a darem respostas óbvias sem se aprofundarem demais nas próprias opiniões. Os jornalistas, para ocupar o tempo em que não podem trabalhar, estão promovendo um torneio entre seleções regionais de repórteres.

A sua participação na vitória, irritando o Atlético.

ÀS 13H30 MURICI CHEGOU COM O RECADO. POUCO DEPOIS ELE VOAVA PARA O MINEIRÃO.

Serginho: o goleador proibido.

Serginho sentiu ontem no Mineirão o quanto será difícil ficar 14 meses fora do time. Meio escondido entre os outros jogadores do São Paulo, na tribuna da Federação Mineira de Futebol, ele assistia o jogo friamente, sem fazer comentários, evitando críticas aos seus companheiros. Para Serginho ficar longe daquele jogo de uma vez seria a melhor maneira de evitar o nervosismo, pois observar seus companheiros lá do alto, sentindo um gol adversário a qualquer momento, ver Márcio salvar um gol em cima da risca, e ter que passar ainda pelas emoções da prorrogação e dos pênaltis era muito sofrimento para ele:

— Não dá para agüentar aqui em cima, dizia ele. Daria tudo para estar lá dentro ajudando o time a ser campeão.

Mas quando perguntavam a Serginho se ele estivesse em campo ainda estaria de 0 a 0, ele tomou cuidado para não fazer críticas a Mirandinha, que jogava como centroavante.

— O time está bem plantado em campo, o Mirandinha está cumprindo certo a determinação do nosso técnico. Agora, se não há ainda um gol a nosso favor, temos que destacar a sorte da defesa do Atlético Mineiro. Além do mais esse goleiro João Leite fez uma defesa no primeiro tempo fora de série, dizia o jogador, no intervalo do tempo normal de jogo.

Mas se ele estivesse em campo não haveria dúvidas que estaria jogando mais pela direita, procurando explorar o lateral esquerdo Valdemir e o quarto zagueiro Vantuir.

— Devemos jogar nas pontas, pelo lado direito do Atlético Mineiro, que se mostra um pouco mais falho e embora Vantuir seja um bom zagueiro, a idade, principalmente num campo pesado, influi muito. Em todo o caso o São Paulo está fazendo o papel certo, se fechando bem atrás e jogando nos contra-ataques com Mirandinha, Zé Sérgio e Viana se mexendo bem.

Serginho, que chegou a Belo Horizonte num táxi aéreo fretado pelo São Paulo, custando ao clube 30 mil cruzeiros, afirmava que não estava nem um pouco preocupado no caso de ter condições para jogar essa decisão.

— Acredito que na hora de entrar em campo eu pensaria somente no jogo. Pior que ficar de fora não é, isto eu tenho certeza.

O artilheiro do São Paulo nesse campeonato brasileiro estava em sua casa ontem à tarde preparando-se para assistir o jogo, quando foi informado por Murici, que o presidente do clube, Henri Aidar, estava esperando por ele, no Mineirão:

— Eu tinha almoçado e ia ficar em casa para assistir o jogo quando Murici apareceu dizendo que tinham telefonado para a casa dele e deu-me o recado do Henri. Na mesma hora me arrumei e saí para apanhar o táxi aéreo.

Serginho ainda não estava entendendo a história e só mais tarde soube que a sua presença era mais para enervar o Atlético. Ficou então, para ele, a experiência que havia passado por entrar num táxi aéreo pela primeira vez.

— Tem hora que a gente pensa que vai cair mesmo. Olha eu não quero mais saber de entrar num outro desse. Prefiro ficar sozinho em Belo Horizonte hoje (ontem) a voltar por esse aviãozinho.

Mas quando o jogo acabou Serginho não se conteve. Correu pelo túnel, ganhou o campo, a princípio pouco à vontade, sorriso aberto. Mas um torcedor tentou levantá-lo e logo vieram outros e ele, o jogador condenado, ausente da decisão, que viajou apenas como complemento de um plano para irritar o adversário, sendo carregado por alguns metros apenas, até aproximar-se de Valdir Perez:

— Grande Valdir, você foi grande e nós somos campeões.

Na casa número 68, daquela travessa particular no Alto da Casa Verde, uma notícia trouxe novas esperanças à família Bernardino: Serginho voltaria a sorrir novamente e talvez até pudesse jogar na grande decisão.

Uma ilusão, que acabou levando o centroavante do São Paulo até Belo Horizonte. Uma viagem às pressas, num bimotor prefixo PPDR, e que durou quase duas horas. No final, muita correria e uma nova decepção: Serginho não jogaria.

Naquela casa simples, a família Bernardino ficaria triste novamente. Nada lembraria a alegria vivida momentos antes, quando Murici chegou com a ordem para Serginho embarcar para Belo Horizonte.

Isso aconteceu às 13 horas, quando toda a família já havia se acostumado com a idéia de que nada poderia modificar a atual condição do centroavante condenado.

Serginho já havia almoçado, "aquilo de sempre" — diria a cuidadosa mãe, dona Laura. Uma refeição um pouco pesada para quem poderia jogar: "arroz, feijão, carne e macarrão que ele gosta tanto" comentaria a mãe. Mas ele não comeu quase nada, pois levantou-se às 11h30 e tomou o "café de pobre": café com leite, pão, manteiga, geléia de morango e salaminho".

No fundo, o centroavante tinha esperanças de que alguma coisa iria acontecer. Não estava concentrado mas foi dormir cedo. Ficou na casa da noiva Nancy até às 10 horas e logo depois foi para casa dormir.

De manhã, a irmã Sônia foi até a casa de Murici e não havia novidade. Tudo acabou acontecendo depois do almoço quando Serginho descansava. Murici chegou apressado. Ele teve dificuldades em achar o caminho da casa do centroavante. O primo Jurandyr Ribeiro da Silva, que mora com a família ouviu só isso de Serginho, quando ele entrou no quarto: "Vou viajar".

Foi tudo muito rápido. Dona Laura ajudou o filho arrumar rapidamente a bolsa amarela. Mais tarde ela diria preocupada: Só esqueci de colocar um casaco, lá deve estar frio".

Meia hora depois Serginho estava à caminho de Congonhas com Murici. E às 14h30 ele embarcaria no pequeno bimotor. O coordenador da Líder, Wanderley Soncini, que deu embarque ao centroavante, comentaria:

— Serginho tinha um grande sorriso, de orelha a orelha. E quando perguntei a ele se iria a Belo Horizonte para assistir ou jogar, a resposta veio logo, vou jogar.

Após o jogo Serginho correu para o campo. E Chicão que o abraçava disse: nós oferecemos essa vitória a você.

RADIO ELDORADO

6 DE MARÇO DE 1978

CONCERTO NOTURNO
20:00 - 21:00

BUXTEHUDE
Prelúdio-coral para órgão. 3'30" — Power Biggs

BRAHMS
Sonata em fá menor, para viola e piano. 22'15" — Perez Dworecki-Fritz Jank

HAYDN
Concerto em ré maior, para piano. 20'39" — Arturo Benedeti Michelangeli, Orquestra de Câm. de Zurich, Regente: Edmund De Stouz

VILLA-LOBOS
Choro nº 1, para violão. 4'41" — Dilermando Reis

fm 92.9

Nós acreditamos nesta camisa.

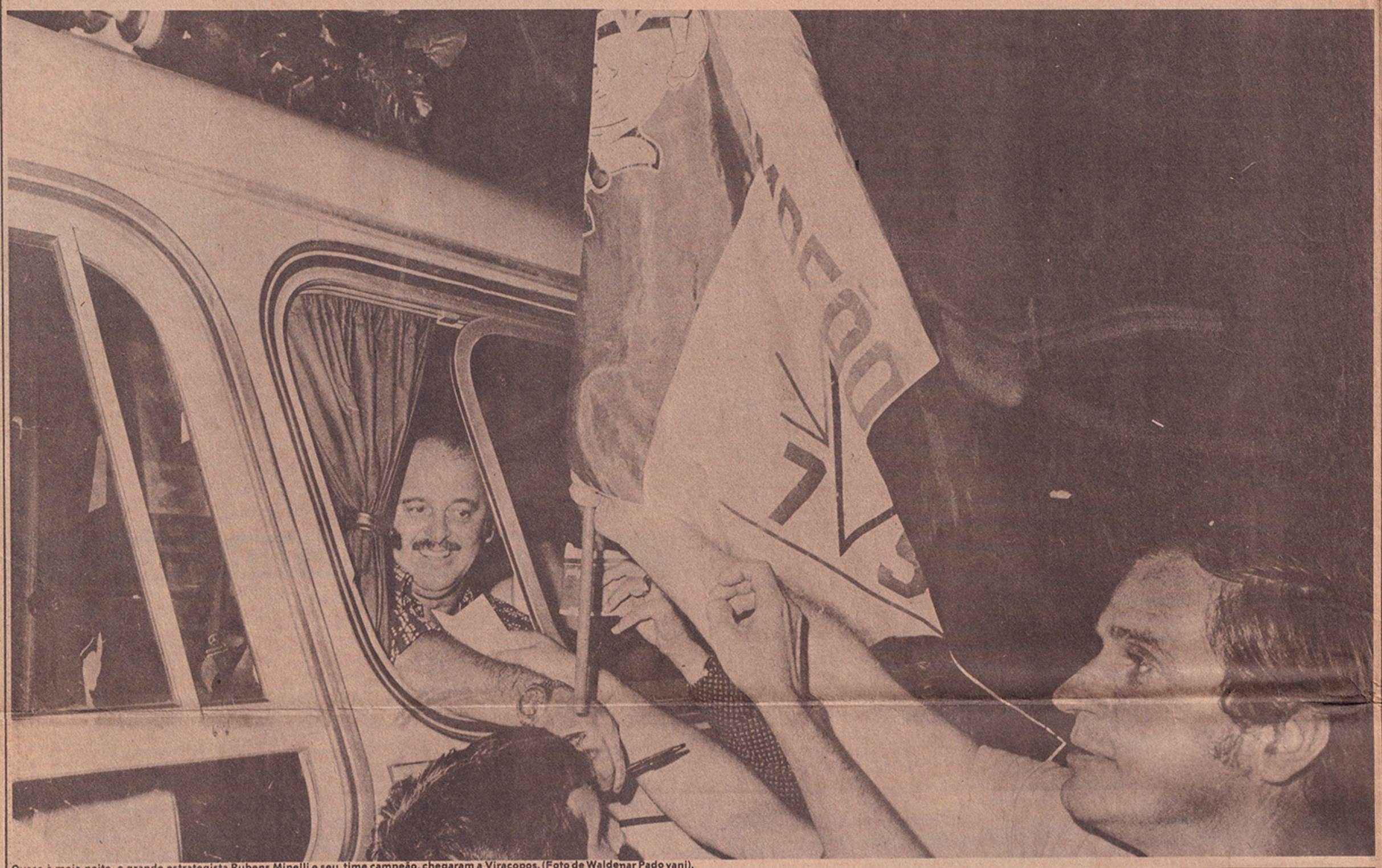
Acreditamos, e deu certo.

Marca Publicitária: BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO • CAFÉ DO PONTO • INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

RÁDIO GLOBO NACIONAL 1.100 KHZ

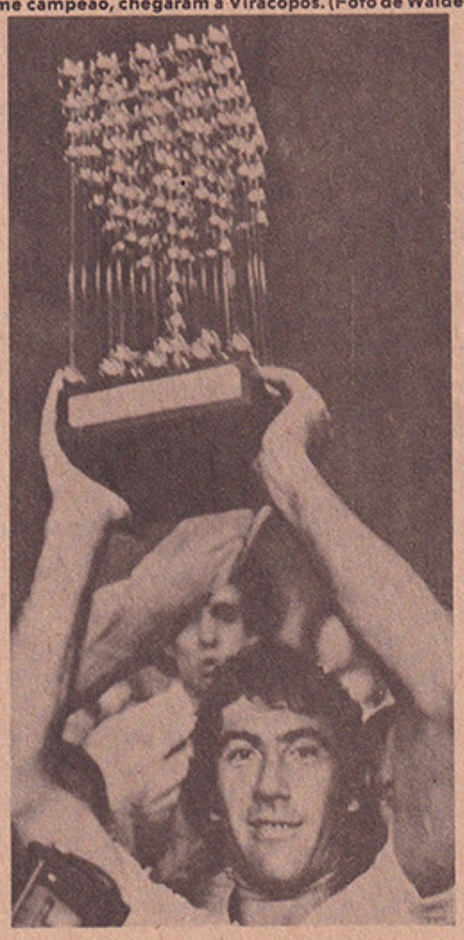
A FESTA DO CAMPEÃO

Cobertura da decisão:
Sérgio Baklanos, Flávio Adauto, Marco Antônio Rodrigues, Dinoel Marcos de Abreu, Varley Ornelas, Chico Brandt, Marília Balbi, Cláudio Medici, César Teixeira e Paulo Leite (textos).
Domício Pinheiro, Claudinê Petroli, Kenji Honda e José Gavear (fotos).



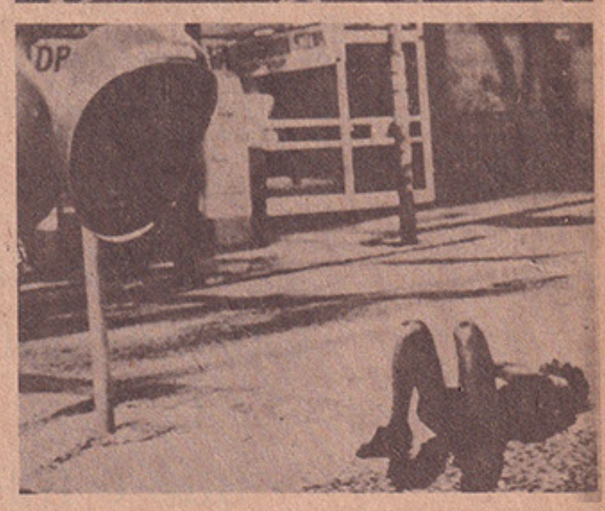
Quase à meia-noite, o grande estrategista Rubens Minelli e seu time campeão, chegaram a Viracopos. (Foto de Waldenar Padovani).

O aeroporto de Congonhas, tomado...



... logo depois que Bezerra converteu seu pênalti.

Valdir Peres, convocado?



Houve um congestionamento na avenida Rubem Berta e duas portas de vidro do aeroporto de Congonhas foram estraçalhadas. Um comandante da Vasp (não se sabe se são-paulino) viu seu carro ser amassado pelos torcedores eufóricos. Havia bandeiras, gritos e alegria por todo lado. Mas , a 90 quilômetros dali, não mais do que 100 pessoas esperavam pelo campeão. No aeroporto de Viracopos, os jogadores desceram do avião cansados e calados. Em silêncio seguiram para São Paulo.

A saída da delegação do São Paulo estava prevista para as 21h45 do Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte. Devido a um atraso o avião só pôde decolar depois das 22h30. Isso fez com que o desembarque fosse feito no Aeroporto de Viracopos, em Campinas (em Congonhas, o pouso só é permitido até às 23 horas).

A essa altura mais de mil pessoas aglomeravam-se no saguão da ala nacional de Congonhas. O desembarque estava previsto para essa ala mas, devido ao grande número de pessoas ali concentradas, foi transferido para a ala oficial. Segundo o tenente Boscatti, da Secretaria da Segurança, essa medida foi tomada para que todos os torcedores tivessem mais conforto e pudessem receber seus ídolos. Coisa que não aconteceu: na ala oficial, impedidos de entrar por portas de vidros, os torcedores começaram a se aglomerar cada vez mais, forçando a entrada na sala de espera. Os 30 policiais destacados para o aeroporto não eram suficientes para conter os torcedores. Não tardou para que o primeiro vidro fosse quebrado e houvesse uma tentativa de invasão. A polícia agiu rapidamente, colocando cordões de segurança para que os torcedores não chegassem perto das portas.

Enquanto isso, os alto-falantes comunicavam que o São Paulo não desembarcaria mais em Congonhas. E sim em Viracopos. Somente dois dos aviões fretados pelos torcedores que foram a Belo Horizonte conseguiram pousar em Congonhas. A torcida ainda insistia e gritava: "Abre, abre"...Outros cantavam: "Inha, inha, o Galo virou galinha". E Wilson Almeida Cabral Filho, que levou toda a família ao aeroporto, confessava que teve uma disenteria quando Getúlio perdeu o pênalti.

Por volta das 23h30 a torcida começou a deixar Congonhas, desconsolada por não haver conseguido ver seu campeão, o time pelo qual torcera na frente dos televisores ou com rádios no ouvido. À meia-noite não havia mais quase ninguém.

O clima da cidade transformou-se já às 17h23, quando o juiz Arnaldo César Coelho apitou o início do jogo. Havia uma grande tensão por todos os lugares. Longe de suas casas, ou mesmo saindo do serviço, os torcedores se aglomeraram no centro. Muitos ficaram pela praça da República, onde um grupo de fiéis da Igreja de Cristo de Jesus preferia o culto de suas orações à paixão pelo futebol.

Na avenida São João, o Hotel Regência, com o seu televisor voltado para a rua, atraía grande número de torcedores, a maioria corintianos. O empate, até aquele momento, transformou a tensão em impaciência, só quebrada com a chegada do corintiano José Augusto dos Santos que, em determinado momento, gritou: "Vai Palhinha". Um torcedor do São Paulo, assustado, perguntou: "Que Palhinha?" Percebendo sua gafe (confundiu o Atlético com o Corintians), José disfarçou um sorriso.

Somente às 20h15, quando o São Paulo marcou o gol que lhe deu a vitória e o título, a cidade explodiu. O centro começou a ser inundado por uma chuva de papéis picados. As ruas ganhavam o colorido das bandeiras tricolores, com buzinas de carros, rojões estourando a todo momento. Vinte minutos depois do final da partida, a avenida Paulista já estava completamente tomada por torcedores.

Valia de tudo: subir com os carros nos canteiros, andar sobre as capotas, ou mesmo parar o automóvel no meio da avenida para festejar. Quase não havia policiais. Os que permaneciam lá — apenas cinco — tentavam orientar o fluxo de veículos. Um deles, que não quis revelar o nome, disse que não esperava uma vitória do São Paulo, e sim do Atlético: "Assim como também não esperávamos o que estamos vendo. Qual a solução para isso? Pedir reforço ou apenas ficar olhando a festa tricolor?"

Nem a fina garoa que caía em São Paulo conseguiu afastar a multidão na avenida Paulista. Um mundo de cores em que prevalecia o preto, o vermelho e o branco. Na esquina com a rua Augusta, o barulho era maior em volta de uma perua da Rede Globo de Televisão. Os torcedores mais extrovertidos dançavam e cantavam ao lado das câmeras. Outros apenas observavam. Mas em todos os rostos podia-se notar uma certa alegria por ver o São Paulo, pela primeira vez, campeão brasileiro. O último paulista a ganhar um campeonato nacional.

A festa não parou aí. Seguiu por vários outros pontos de São Paulo, nesta noite uma cidade alegre. Com os bares tomados e a cerveja consumida aos milhares. Algumas brigas, é claro, mas, na maioria dos casos, apenas bagunça. É bem verdade que a comemoração não chegou a ser parecida com a do Corintians. Mas teve muita coisa em comum. Principalmente o espetáculo.

Melhor ainda quando, no fim da noite, correu a notícia: o heroi Valdir Peres, o goleiro da decisão, iria ser convocado por Coutinho, para a Seleção Brasileira.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2025

ONDE A MOEDA CAI DE PÉ